

MANIFESTO

UnDF

Vivências

Lutas e Sonhos

na Produção Cultural do Distrito Federal



UnDF

UNIVERSIDADE DO DISTRITO FEDERAL

PROFESSOR CARLOS MARINHO VIANA FILHO

Leonardo Motta Tavares - Organizador

Manifesto UnDF: Vivências, Lutas e Sonhos na Produção Cultural do Distrito Federal

Brasília, 2026



UnDF

UNIVERSIDADE DO DISTRITO FEDERAL
PROFESSOR JOSÉ AMARAL NUNES



UNIVERSIDADE DO DISTRITO FEDERAL JORGE AMAURY

REITORA Fernanda Marsaro dos Santos

**PRÓ-REITORIA
DE GRADUAÇÃO** Alessandra Edver Mello dos
Santos

**CENTRO DE EDUCAÇÃO,
MAGISTÉRIO E ARTES** Edi Silva Pires – Coordenadora

**ESCOLA DE EDUCAÇÃO,
MAGISTÉRIO E ARTE (EEMA)** Robson Montegomeri Ribeiro
Lustoza – Chefe

Curso de Produção Cultural Lurian José Reis da Silva Lima –
Coordenador do Curso de
Graduação

Unidade curricular: Projeto Integrador II

**Organizador e
revisor de conteúdo:** Leonardo Motta Tavares -
Docente

Design Gráfico/Diagramação: Renata Sembay

Ilustração da Capa: Cadáver exquisito, desenho
colaborativo realizado pelos
autores deste livro.

Capista: André Pena de Lucena

Autores: André Pena de Lucena
Anna Beatriz Machado Farias
Bárbara Barbosa
Cleyton Soares Tolentino
Dandih Orin
Fauxtino
Fernanda Batista
Fláesio Pereira da Silva Júnior
Gabriela Vigeta da Cunha
Helen Moreira Nunes
Isabel de Castro Pacífico
João Manuel Ribeiro Coelho
Juan Pablo Quarti
Júlio César da Mota
Maritza Andréa Lucena de Barrón
Renata Sembay
Rhenan Soares
Sowandê Kayóde Guimarães
Thamie Barroso
Vitor Henrique Gomes

A reprodução de imagens nesta obra tem caráter pedagógico e científico, amparada pelos limites do direito de autor, de acordo com a Lei nº 9.610/1998, art. 46, III (citação em livros, jornais, revistas ou qualquer outro meio de comunicação, de passagens de qualquer obra, para fins de estudo, crítica ou polêmica, na medida justificada para o fim a atingir, indicando-se o nome do autor e a origem da obra). Toda reprodução foi realizada com amparo legal do regime geral de direito de autor no Brasil.

ISBN: nº 978-65-02-20554-9

6		Apresentação
9		Além da janela
12		Sketchbook
17		Desafios, metas e percepções pessoais sobre as trajetórias na UnDF e reflexões sobre acessibilidade na produção cultural
24		Gângster universitário
26		Pensar a cultura no Gama: experiências e disputas na cidade de “quem ama”
33		Arte exausta
38		Bagagens: uma investigação artística
46		Manual de sobrevivência do curso superior de Tecnologia em Produção Cultural na UnDF
56		Entre distâncias
61		A Produção Cultural e suas vivências no Campus da UnDF Campus Norte
64		Diário de bordo
67		O tempo das paredes e a retomada do futuro. Percepções de um ingresso tardio (e urgente) na Produção Cultural da UnDF
72		O produtor cultural e as artes circenses: aprendizados de equilíbrio, corpo e criação
76		Cultura como direito e universidade como destino: primeira turma de Produção Cultural da UnDF busca transformar o cenário cultural do DF
80		A peleja do produtor cultural no sertão da gestão
84		Travessias e um mini-manual à terceira margem do antropoceno
90		Inventar
96		Carta de alforria - da vivência à conquista
98		Uma clarineta
103		Produção Cultural como resistência, sonho e construção coletiva

APRE • • SEN TAÇÃO •

Leonardo Motta Tavares ●

Este é um livro de encontros. Múltiplos são os significados que decorrem dessa palavra. E múltiplas são as vozes que, aqui, alternam-se para relatar que encontros são esses. Com outras individualidades. Com ideias de ensino e saber. Com culturas. Livro feito-com. Em coletividade, mas na preservação de perspectivas individuais, e em forma de escritura. Escrita em expansão, escrevivências situadas no pulsar ininterrupto da cultura, da experiência e do sonho.

Para contextualizar as diversas trajetórias aqui reunidas, situemos o leitor num espaço-tempo singular. O ano é 2026, estamos no Distrito Federal, que sedia a capital do país, Brasília. São os primeiros anos de uma universidade pública própria desta unidade federativa, uma instituição que vive, dentre construções e disputas, sua primeira greve. Estes são estudantes de um curso em formação, o curso de Produção Cultural, nesta universidade.

O Distrito Federal se transfigura e se reconfigura a cada desabrochar dos ipês e a cada fluxo migratório. A cultura, diante da dureza planejada da capital, desenvolve-se fora do eixo, de modo improvisado, nas cidades-satélites e no Entorno. É um se-fazendo, em ebulições constantes, em miscigenações irrefreáveis, em nuances insuspeitas. Brasília talvez seja jovem demais para reivindicar uma fisio-nomia cultural definitiva, mas já é antiga o suficiente para confrontar, nesse campo de atuação, as defasagens localizadas pelos seus produtores e artistas, sem mencionar as invisibilizações históricas preservadas e os desafios monumentais do dia a dia de quem cria arte e de quem busca os meios para criá-la.

Numa das disciplinas curriculares do curso superior de Tecnologia em Produção Cultural, chamada Projeto Integrador II, os estudantes são convocados à realização de um projeto colaborativo, isto é, que contemple a produção de

um objeto ou evento criado coletivamente. A sugestão de fazer um livro veio dos próprios estudantes, e o resultado é a visão de processos individuais compartilhados.

No papel de professor dessa turma, propus que trabalhássemos com uma visão expandida de escrita: uma abordagem que se ampliasse, no entendimento da “escrivência”, noção teórica e literária de Conceição Evaristo, abarcando os significados de escrever, de viver e de se ver. O escrever, nesse sentido, opera de encontro à chave da escritura, como propunha Roland Barthes: uma tomada de posição diante da linguagem e com a linguagem. Escritura nada mais é que uma extrapolação da escrita meramente informativa, uma torção para os rumos da estética, sempre vibrando a ética em seu esteio. Para a escritura, importa também a forma. Nesse viés de expansão e arte, os capítulos aqui apresentados assumem feições variadas: as do relato, do ensaio, da prosa, da poesia, da fotografia, do inventário, do desenho, do rap.

Para o produtor cultural em formação, importa que a própria voz, antes de tudo, tenha lugar para se manifestar. Seja nos espaços da universidade, seja na cidade, em eventos de arte e cultura, ou no interior dos próprios lares. E também aqui, na página, pensada como lugar de partilha, invenção e projeção de um futuro. Ou de muitos. É sobre isto que trata o nosso livro: experiência e memória, sonhos e metas, pluralidade humana. Que esses documentos, de expressividade livre e aguda, de vozes insubordinadas e pontos de vista fundamentados na relação indissociável entre a bagagem pessoal e a prática acadêmica, sejam lidos (e vistos) também como diagnósticos de um agora instável, numa universidade que está sendo feita a partir de cada uma dessas histórias e sensibilidades.



ALÉM DA JANELA

André Pena de Lucena ●

Há tantas vivências, tantas histórias, tantas pessoas. Enquanto escrevo aqui, eis que surge uma mosca.  Vamos ignorá-la e voltar ao texto, difícil. **Às vezes, acho que quero aprender sobre todas elas.**

Ela  zanza  e zanza pra lá e pra cá. 

Acho que o mais difícil para um curioso é conseguir chegar na linha de chegada. Cada vez mais, o mundo nos surpreende com algo novo.

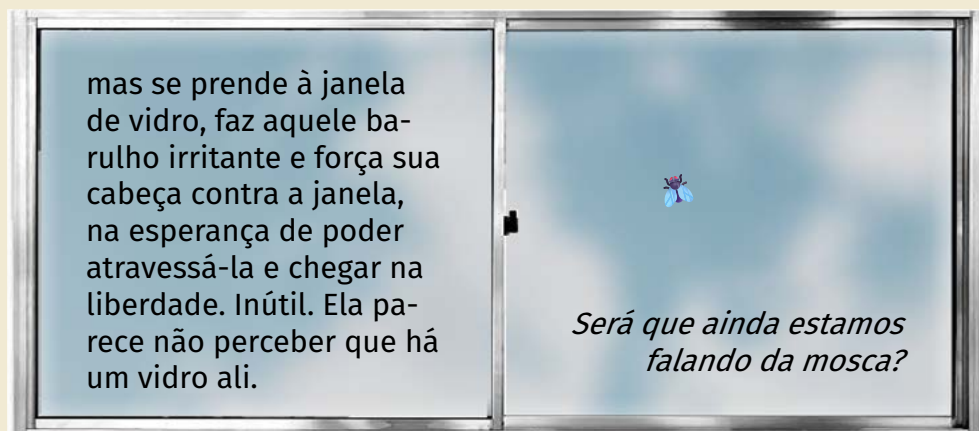
E segue zanzando. Eu tento me concentrar, mas ela quer me levar a pensar em outra coisa.

E aprender algo novo é muito gostoso, seja uma novidade sobre quem a gente ama, ou sobre um desconhecido qualquer, ou até mesmo descobrir que uma escultura em argila suja um perímetro de 360°, porque você inventou de fazer isso.

Talvez ela queira me  levar a pensar no quanto ela é irritante e me provoca. Ela me provoca por sua inquietação, afinal o que ela quer aqui?  zZzZiiii

Só sei que eu amo fazer isso, experimentar, experienciar, viver! O quê? Tudo! Hahaha

Nossa ! sinto que estou me tornando inquieto como ela. O objeto que há pouco era odiado passa a ser mimetizado. Ok, estamos parecidos neste momento. **Se eu pudesse ser algum bicho, eu seria um pato. O pato faz tudo, ele voa, ele nada, ele anda, e tudo bem que ele faça tudo desengonçado. Ele não precisa ser bom em tudo, mas só de ter a oportunidade de conhecer mundos tão particulares, isso já torna o pato um ser incrível.¹** Mas eu jamais seria uma mosca²! Ela está à procura de algo. O que será? Talvez da saída mais próxima desse quarto,



mas se prende à janela de vidro, faz aquele barulho irritante e força sua cabeça contra a janela, na esperança de poder atravessá-la e chegar na liberdade. Inútil. Ela parece não perceber que há um vidro ali.

Será que ainda estamos falando da mosca?

Acho que fazer Produção Cultural é um pouco disso. Existe um universo de possibilidades e não existe nada mais curioso do que o produto de um indivíduo, seja ele vindo de uma pessoa ou de um Jacu³, ambos são cultura.

Neste momento, o que me intriga não é mais a mosca. Ela segue lá, como se estivesse apaixonada por alguns grãos de areia assados a 1.500°C. Talvez a janela seja mais esperta que a mosca, afinal, ela está sendo a protagonista agora. De alguma forma, ela engana a mosca, passando uma sensação de que existe algo nela. Que ela é 'o' lá fora. A mosca sabe que existe 'o' lá fora, já esteve por lá. Mas esse além é intangível, intransponível, pelo menos pelos próximos 2 milímetros de distância. O que é esse além, que nos faz ansiar tanto para alcançá-lo? Acho que sei a resposta que tanto a mosca quanto a janela querem dar. **Abro a janela!** Sinto o vento em meu rosto, um cheiro diferente, é alguém fazendo churrasco. Havia esquecido! Mas vai dar tempo de assar meu pão de alho.

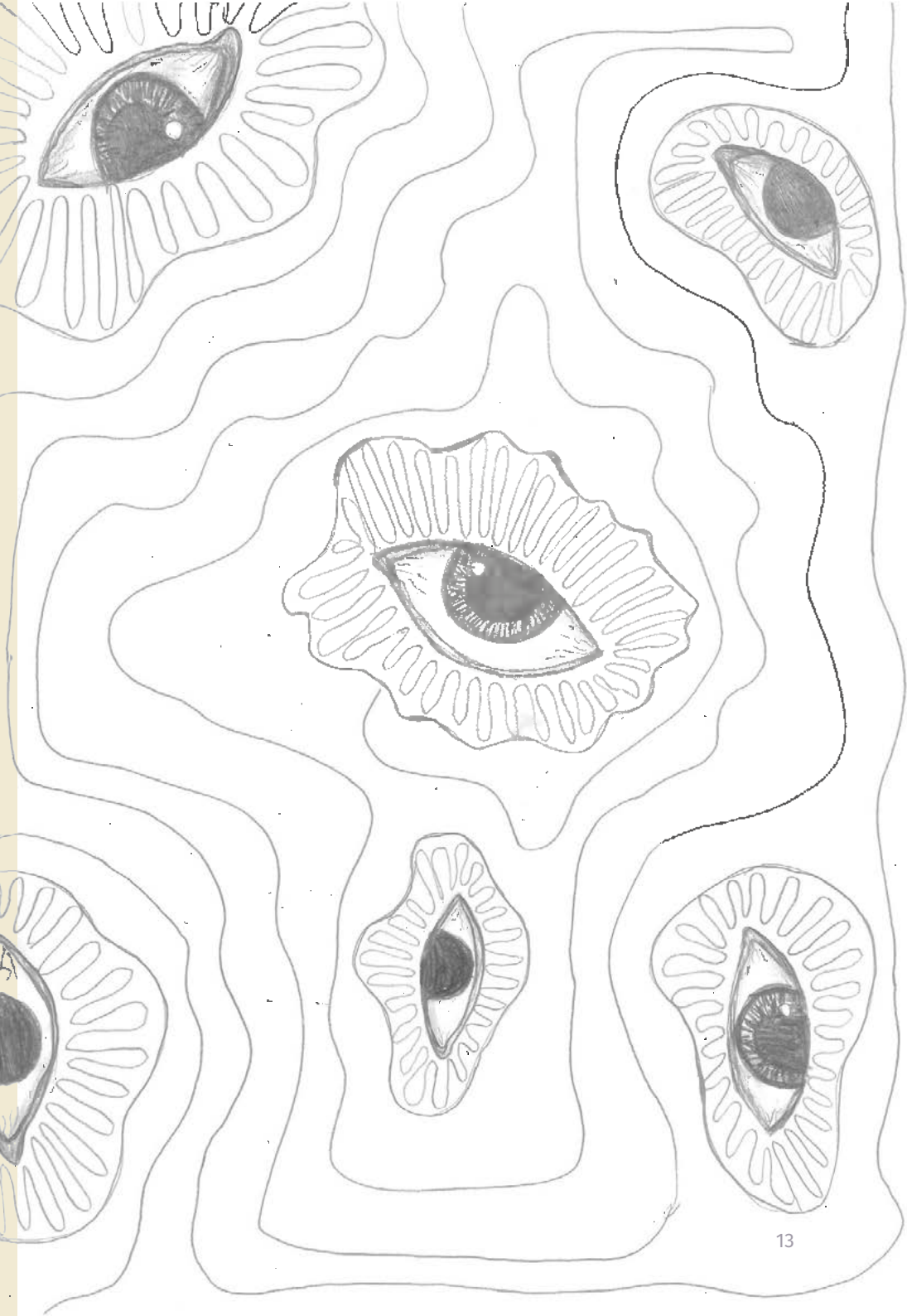
¹ O ganso também tem essas características, mas eu acho que não é muito o meu perfil. Gansos são muito rabugentos e bem desconfiados... Patos são simpáticos, e estão até nos desenhos animados, vide Patolino e Pato Donald.

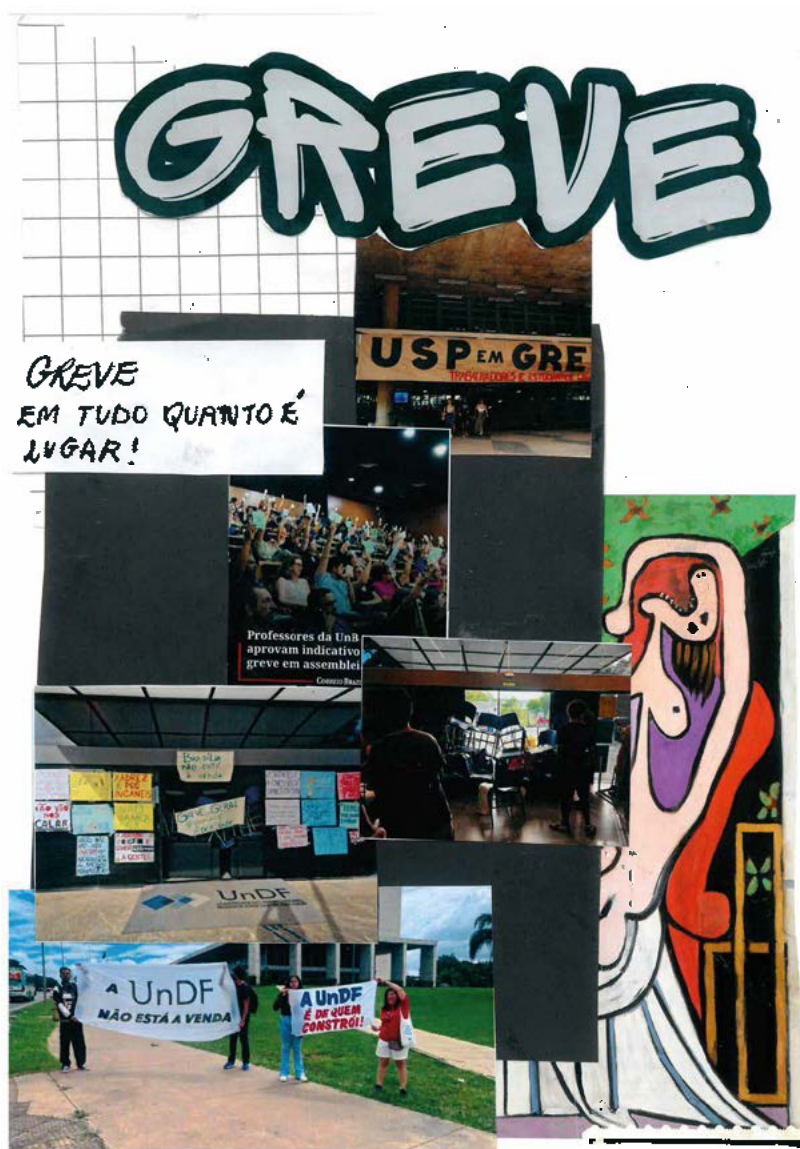
² Aqui eu fui bem incoerente.

³ Me refiro ao café, muito bem limpo e esterilizado.

SKETCH· BOOK

Anna Beatriz Machado Farias ●





Vê se pode... eu te tratando como um idário.

Dupsonho que não tenho mais onde escrever e nem com quem falar, sobre você.

Lembro-me da faculdade. Foi feliz, leve, genuíno. Viu coisas que guardo com muito carinho. Me encontrei como artista como nunca tinha sentido antes, aprendi a amar e valorizar meu trabalho com professores que vou levar para o resto da vida.

Mas não foram apenas boas...

Tem no meio anunciaram uma greve. Eu entendo, mesmo, Tem que ter, é justo. É necessário. Mas a incerteza, o tempo curto, a ansiedade e os senhores acelerados foram um pouco para se pagar.

Outra faculdade.

Outra greve. E lá vi pensando "mais uma? Eu acho estar atrairdo". Eu entendo, mesmo. Tem que ter, é justo. É necessário, mas sabe...

Logo na próxima semana fui como ser bombardeada por um milhão de problemas e ser convocada para lutar em uma guerra que você acabou de descobrir.

Todos esses problemas não são sobre mim, apenas as minhas dores. Elas são tudo o que eu tenho agora.

Talvez o mundo universitário esteja fadado a essas incertezas infinal, e os preços a se pagar.

As aulas voltaram, preciso parar de idliagar.



Será que meus sentimentos vão me devorar?



DESAFIOS, METAS E PERCEPÇÕES

PESSOAIS SOBRE AS TRAJETÓRIAS

NA UNDF E REFLEXÕES SOBRE

ACESSIBILIDADE NA PRODUÇÃO CULTURAL

Bárbara Barbosa ●

A Produção Cultural, para mim, nunca foi um sonho. Mas foi um destino. O resultado de um caminho que foi construído pelo ativismo coletivo do fazer cultural acessível como parte do Movimento das Pessoas com Deficiência pelo direito à cidade e à vida comum entre os seus, entre os que se amam.

Começou com a iniciativa da Produtora Musical Alê Capone, ao convidar Bárbara Barbosa, e Joaquim Emanuel L. Barbosa para realizarem juntos o primeiro evento musical acessível em 2006, no Centro Cultural da Caixa. Fizeram. E Bárbara nunca mais voltou para sua área de origem, a TI, continuando apenas, junto com Joaquim, como voluntária no projeto social profissionalizante em informática para alunos com diversas deficiências. Na época, Alê Capone era do Movimento Orgulho Autista Brasil e Presidente na Regional do DF. Precisava de quem tivesse conhecimentos sobre as outras deficiências. Achou que precisava de várias pessoas, mas a experiência prática de Bárbara e Joaquim, de mais de cinco anos trabalhando com quase todas as deficiências no Projeto Java Social, foi o suficiente.

A Acessibilidade Cultural no Distrito Federal foi construída do zero por esses três ativistas, que se uniram para garantir o direito de as pessoas com deficiência expandirem sua convivência em sociedade para além das clínicas de reabilitação e escolas especiais.

Esse trio improvável se conheceu no Fórum de Defesa dos Direitos das Pessoas com Deficiência sediado no Plenário 11 da Câmara dos Deputados, onde lutavam ombro a ombro com outras lideranças do Ativismo PCD pelas regulamentações da legislação referente a esses direitos, o que culminou no Brasil sendo signatário da Convenção da ONU pelos Direitos das Pessoas com Deficiência (DECRETO Nº 6.949, DE 25 DE AGOSTO DE 2009) e na Lei Brasileira de

Inclusão (LEI Nº 13.146, DE 6 DE JULHO DE 2015), em 2015.

Também foi 2015 o ano em que Bárbara Barbosa tornou-se Gerente de Inclusão e Acessibilidade da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal e fez questão de incluir nos editais do **Fundo de Apoio à Cultura – FAC e Lei de Incentivo à Cultura – LIC, o CAPÍTULO IX DO DIREITO À CULTURA, AO ESPORTE, AO TURISMO E AO LAZER**, capítulo em que colaborou na elaboração e escrita com o grupo de trabalho da época. Mais do que ajudar na construção da Lei, fez com que ela entrasse para a prática, estabelecendo-se no que veio a se tornar, mais tarde, a **Política Pública de Acessibilidade Cultural**, vigente até hoje na Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal.

No entanto, Lei, ou Política Pública sem orientação, pesquisa e prática para sua correta execução é morta. Por isso, foi necessário continuar. E foi assim que o Curso de Produção Cultural entrou na história.

Depois de 20 anos contribuindo, pesquisando e trabalhando diretamente nas diversas áreas da Acessibilidade Cultural, assim como percebendo as incongruências do percurso, foi necessário trazer para a academia, na cadeira correta, o tema da Acessibilidade Cultural. Sim, pois ela ainda está na área de Saúde na UFRJ, por exemplo. Portanto, estar na UnDF, no curso de Produção Cultural, é um esforço de trazer para o local certo esta discussão e dar início à criação desta Disciplina dentro do curso com as contribuições que a experiência prática tem a oferecer.

Produção em Acessibilidade Cultural tem que se tornar uma disciplina para ser mais abrangente e tratar correta e especificamente de cada área artística e cultural com suas peculiaridades, singularidades e necessidades, desde a gestão cultural, planejamento e elaboração de projetos, passando por todas as etapas da produção propriamente

ditada em cada linguagem artística e cultural que abranja, até chegar ao atendimento ao público com deficiência, mobilidade reduzida, idosos, gestantes, crianças e pessoas com alguma vulnerabilidade temporária, ou permanente, que fazem parte do grande público, de modo que esta prática não seja vista apenas como execução de política pública, mas, principalmente, como forma de atração de novos públicos e manutenção de plateia. Isso se dá pelo fato de que, toda vez que há acessibilidade em um local, todas as pessoas sem deficiência ao redor também se beneficiam e muito.

Tendo em vista que há processos e *modus operandi* específicos, singulares e extremamente importantes para a boa e correta execução da Acessibilidade em Ambientes Culturais para que esta não seja onerosa, invasiva, nem interfira negativamente no processo artístico criativo da obra, mas, ao contrário, seja uma construção complementar que traga mais riqueza, beleza, inclusão, diversidade às produções culturais, faz-se imprescindível que o tema seja abordado como uma disciplina à parte e que o tema seja muito mais aprofundado do que apenas uma passada de olhos em algum semestre onde se aborda a legislação e o chamado “cumpra-se” que a Lei determina para que se consiga a pontuação necessária diante de um edital de fomento, ou apoio.

A complexidade, a ramificação e a especificidade que a implementação de acessibilidade em espaços, equipamentos e eventos culturais alcançou acompanham de perto a expansão da liberdade de acesso das pessoas com deficiência na sua constante ocupação de espaços e execução do seu direito à cidade, à sociedade e à participação social, devido não só à grande variedade de deficiências existentes, mas também pela criatividade de artistas com

deficiência do movimento ArtDef, produtores com deficiência e artistas das áreas diversas, antes considerados apenas como recursos de acessibilidade, tais como Tradutores (Atrizes e atores que atuam e traduzem em Libras – termo cunhado por Virgílio Neto), roteiristas que fazem versões de dramaturgia em Libras, ou para a audiodescrição criativa e poética, produtores que resolvem questões intrínsecas à área durante o evento, dentre tantas outras abrangências atualmente invisibilizadas. Portanto, permanecer sem ter como aprender mais do que simplesmente o que diz a lei e delegar para o prestador de serviço a execução, que nem sempre será a contento do público-alvo, é fechar as portas também para o público sem deficiência que, muitas vezes, é acompanhante daquela pessoa e deixa de ir a eventos culturais porque não vai deixar seu ente querido para trás.

Na prática, não oferecer acessibilidade da maneira correta resulta em uma perda de público sem deficiência que pode ser muito significativa financeiramente para eventos pagos, para a cadeia produtiva envolvida, uma vez que, mesmo em eventos gratuitos, existem gastos periféricos envolvidos; além disso, a pessoa com deficiência também consome pagando. Isto é, são desdobramentos que resultam em prejuízo para a boa execução da política pública.

A partir do momento que a universidade aborda com a seriedade e profundidade necessárias um tema que já está posto e é parte da realidade de produtores culturais do país inteiro e, mas específica e diretamente, do Distrito Federal, há pelo menos dez anos, com a distinção e importância que o tema traz, ela demonstra estar alinhada com a realidade profissional que seus alunos irão encontrar pela frente – pelo menos a cada edital da Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal - SECEC que for lançado.

Embora a própria SECEC, neste momento, não conte com pareceristas e fiscais aptos para a avaliação correta da parte de Acessibilidade Cultural, tanto nos projetos apresentados, quanto na fiscalização efetiva e correta dos projetos executados, e tanto menos na correta orientação aos proponentes, ainda assim há a efetiva movimentação do público, proponentes e produtores com deficiência atuando na Ouvidoria levando suas considerações, solicitações e reclamações a respeito. Se, por um lado, isso é importante, por outro, temos produtores culturais despreparados que, se não puderem contar com a contribuição dos Especialistas em Acessibilidade Cultural que já existem, acabam por ficar em um beco sem saída por não terem a quem recorrer, na falta de um desses, ou por acreditarem que a atuação desses profissionais é dispensável.

A crença de que a legislação é completa e por si só resolve todas as questões referentes à Acessibilidade Cultural dentro da Produção, ou que basta contratar os serviços necessários e estará tudo resolvido, é muito equivocada, pois, na prática, há muitos assuntos que não são alcançados e que têm pouca ou nenhuma literatura a respeito. Esta questão pode e deve ser sanada dentro da academia, quando todos ainda estão em formação, até para que o assunto não seja visto como menor, sem importância e sem retorno prático, financeiro e social para o Produtor Cultural. Ao contrário, uma pessoa com deficiência carrega consigo, no mínimo, duas pessoas sem deficiência: o seu acompanhante e, por vezes, o cuidador. Ou a sua família. É preciso desmistificar a imagem de pessoa isolada do mundo, sem convivência social e sem relações afetivas que desejam estar com ela em todos os lugares. Enquanto esta visão assistencialista de proteção capacitista, que determina os locais e espaços que a pessoa com

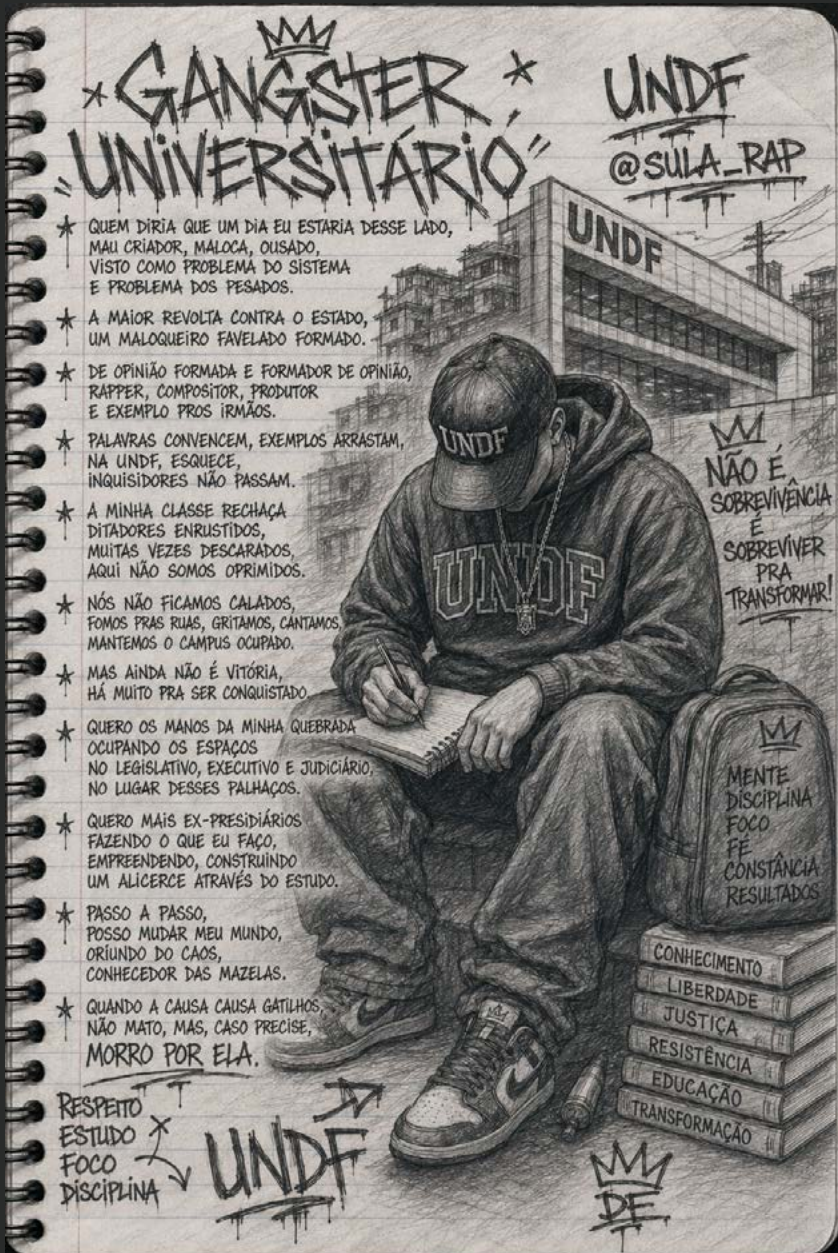
deficiência pode e deve ocupar, existir dentro da produção cultural, a própria economia será afetada negativamente.

Para mudar esse cenário capacitista, negacionista e assistencialista, que coloca o Público com Deficiência na condição de menor, oneroso, desnecessário e marginal na cena da produção cultural, é imperioso que a academia ofereça espaços verdadeiramente acessíveis e inclusivos, não só arquitetonicamente, mas, principalmente, **atitudinalmente**, criando mecanismos de desenvolvimento de conhecimento e pesquisa na área, até porque a universidade pública tem como prerrogativa a execução da política pública de educação inclusiva. No entanto, uma educação inclusiva que não inclui os alunos sem deficiência é apenas mais uma segregação disfarçada de integração que vai refletir futuramente nos profissionais que atuarão no mercado reproduzindo assistencialismo e capacitismo em suas produções culturais, sob a crença de que Acessibilidade Cultural só é obrigatória se for para editais que assim o exijam.

GÂNGS • TER UNIVER• SITÁRIO

Cleyton Tolentino





PENSAR A CULTURA NO GAMA:

Dandih Orin ●

EXPERIÊNCIAS E DISPUTAS
NA CIDADE DE “QUEM AMA”



Refletir sobre a história da cena cultural do Gama é aprender a reconhecer potência e movimento onde muitos enxergam apenas ausência. Entre espaços independentes, coletivos teatrais, instituições, festivais e iniciativas comunitárias, a cultura local resiste diante das dificuldades de acesso, financiamento e especialmente circulação de informação.

Como caloura de Produção Cultural na UnDF (2026) e artista em formação, percebo minha trajetória artística atravessada por questões coletivas e pessoais, como a construção de me entender enquanto artista e transformar isso em fonte de renda, distanciamento institucional, entaves de comunicação entre agentes culturais e a tentativa mais recente de compreender como acessar políticas públicas, editais e redes de atuação cultural. Na mesma medida, é possível ver um verde esperançoso e simbólico da cidade na cena atual, pois o Gama carrega em si histórias vivas de artistas, produtores culturais e muito mais gente ligada ao setor, demonstrando consistência e permanência da cultura na figura dos coletivos, equipamentos culturais e artistas independentes que seguem produzindo em conjunto.

Esse trabalho busca mapear, ainda que de forma limitada, alguns pontos de cultura e iniciativas culturais do Gama-DF, relacionando experiência pessoal, pesquisa, observação e entrevistas realizadas com agentes culturais locais, a fim de refletir os desafios e potenciais da produção cultural periférica.

DANDIH KRIA - TRAJETÓRIA EM CONSTRUÇÃO NA CIDADE EM RECONSTRUÇÃO

Com raízes cravadas neste território, que tem 66 anos de existência, desejo registrar minha observação pessoal, que se mistura à história coletiva do povo gamense, a

fim de identificar necessidades, demandas e possibilidades para agentes culturais e a comunidade geral. De uma criança que cantava e desenhava, até ser uma multiartista em construção, posso traçar um espaço de tempo, onde desenvolvi autoconhecimento, experiência artística, parcerias, e curiosidade em entender as questões que compõem a realidade do local em que eu produzo e contemplo a cultura, chegando ao momento atual, em que busco me qualificar no curso de Produção Cultural.

Observo com frequência um incômodo compartilhado pelos moradores do Gama, o de estarem numa cidade supostamente “estagnada” em termos de possibilidades no setor cultural – em comparação com outras RA’s –, mas que abriga agentes culturais e atividades diversas que existem, a despeito dos desafios que enfrentam para se realizar, e que, quando se realizam, dificilmente chegam a um público quantitativamente satisfatório.

BREVE MAPA DA CULTURA GAMENSE

A cultura gamense atual é viva, plural, possui vasta história, e é importante para compor a identidade desse povo. É possível relatar um mapa de dispositivos culturais e atividades que valem ser divulgadas e compõem a rede cultural: Espaço Cultural Galpãozinho; Instituto Voar / Espaço Voar Cultural; Teatro SESC Gama; Semente Cia De Teatro e Grupo de teatro Bagagem Cia de Bonecos; CIA Lábios da Lua; Espaço Leitura Gama, etc. Alguns espaços complementares devem ser destacados, a exemplo das escolas da cidade, Feira Permanente/Feira Azul, Bar JC, Hood, Coreto Bar, a praça Lourival Bandeira e o Estádio “Bezerrão”, que também abrigam atividades ligadas ao setor. Sobre atividades culturais, existem feiras e festivais que acontecem sazonalmente: Feira Cultural do Gama, a mais recente Feira

Noturna do Gama, o conjunto de festividades juninas pela cidade, Gamaika, eventos produzidos pela BOXOKÊ (com forte protagonismo LGBTQ+), Sarau Fora da Caixa (Espaço Leitura), Tem Samba na feira, Batalha das 4 faces, dentre outros.

CULTURA GAMENSE: UM DEBATE POLÍTICO

Embora exista essa constelação de espaços, eventos e agentes culturais, é possível para quem vive no território observar diversas demandas e disputas a serem superadas, e questões mais amplas que desafiam quem deseja atuar na área, ou apreciar um lazer sem a necessidade de se deslocar para o centro do DF ou outras RA 's. Vale apontar a antiga questão do CINE ITAPUÃ/Centro Cultural Itapuã, espaço desativado e precarizado desde 2005 (com aparente promessa de reativação em 2026), e a batalha pela revitalização do Espaço Galpãozinho, disputas essas que mobilizam coletivos, artistas locais e instituições, como o Conselho Regional de Cultura, a SECEC, e que motivam em audiências públicas na CLDF, um cenário de disputa política. Alguns temas são centrais: a participação (ou falta dela) da comunidade nos debates e decisões promovidas pelo CRCG e Administração do Gama; distribuição desigual de investimentos e visibilidade para iniciativas culturais, o que acaba por afetar oportunidades, privilegiando algumas pessoas em detrimento de outras; questões sociais estruturais, como a institucionalidade ainda distante da comunidade, o machismo, a LGBTfobia e o racismo internos às relações entre agentes do meio. Essas questões, e muitas outras, apontam para a discussão de quem possui o direito de acessar a cultura (seja para apreciar ou para viver das atividades culturais) e com que qualidade se dá esse acesso.

SINAL VERDE PARA A CULTURA DO GAMA

Enquanto a cena cultural gamense, de história extensa e diversificada, atravessa questões como equipamentos de cultura desativados ou abandonados, difícil acesso à informação, artistas com baixo suporte institucional e dificuldades de realização de eventos, existem redes que se renovam todos os dias e resistem nas trincheiras da produção e divulgação da arte. Ao passo em que espaços como o clube O promeso (atual feira do Flamboyant), não existem mais fisicamente, a não ser na memória dos moradores mais antigos, e o FAGAMA, que deixou de existir em seu formato tradicional, outros, como o Cine Itapuã, lutam para serem revitalizados. Além disso, muitas outras iniciativas mantêm viva a potência gamense, e tornaram-se referência para diversos novos artistas, democratizando o acesso e movimentando o lazer e a economia da cidade, com destaque para a CIA Lábios da Lua, Instituto Voar e Espaço Leitura.

Entrevistando artistas da cidade, como PECÊ SANVAZ, pude confirmar algumas questões de demandas da classe artística, e possibilidades para as atuais e próximas gerações. Para ele, “revitalizar o CINE ITAPUÃ e constituir uma gerência responsável vai impulsionar significativamente a cultura no Gama e trazer artistas e público de fora da cidade e até do DF, pois a produção artística irá aumentar ainda mais”. Durante a entrevista, PECÊ, que também é educador, destacou suas perspectivas e o que ele gostaria de avanços para o futuro da cultura na cidade: “Criação de pontos de cultura subsidiados pelo menos nas condições básicas para funcionamento. Exemplo 01: o Espaço Semente, além da concessão, deveria ter uma vigilância diuturna para que não sofresse avarias no patrimônio e fosse alvo de furtos,

como vem acontecendo. Exemplo 02: as empresas de ônibus deveriam ter uma cota para que se pudesse transportar estudantes para conhecer os espaços culturais do Gama.”

CONCLUSÕES

Entre minha experiência artística como Dandih Kria e a formação universitária, comecei a perceber que produzir cultura não envolve apenas criação artística, mas também o acesso à informação, que ainda é privilégio (embora não devesse ser), redes de apoio, políticas públicas que precisem ser elaboradas, e investimento nos espaços onde se faz a cultura. É necessário compreender que a cultura, nos dizeres do ex-ministro da Cultura Gilberto Gil, é ordinária, é o feijão com arroz, é direito básico e deve ser acessada de forma adequada por todo cidadão, seja ele morador do Plano Piloto, do Recanto das Emas, da Santa Maria ou do Gama. Para a maioria dos artistas, estar no meio cultural é resistência cotidiana, complexa, e vai além de se expressar em alguma linguagem estética.

Na cidade de quem ama, a produção cultural precisa ser valorizada em seu sentido histórico, produtor de identidades, de disputas políticas, e também no seu potencial para a economia local. Na cidade de quem ama, artistas e produtores culturais precisam se sustentar da sua atividade, precisam de visibilidade e políticas públicas que tenham por fim a real inclusão da comunidade nas atividades culturais em todos os espaços. É diferente para um artista ser reconhecido pelos seus pares e ser reconhecido institucionalmente, respeitado por sua atividade. Por fim, a distância simbólica e geográfica entre o saber acadêmico construído na UnDF e na UNB deve ser superado. O direito ao conhecimento de como acessar e escrever um edital,

formular um festival e se capacitar na área da cultura não deve ser resultado de uma “sorte” de poucos indivíduos, que atravessam obstáculos e precisam enfrentar o desemprego ou conciliar sua atividade artística com uma segunda ou terceira ocupação, geralmente informal. Nos bastidores do fazer cultural, existem vozes que estão ecoando e precisam chegar nas instituições como resultados maiores e melhores para esse povo que, além de amar, reivindica, insiste e resiste na cultura.

AR • TE EXAUS • TA

Fauxtino •

Eles chamam de amor
pra não chamar de exploração.
Dizem que é dom,
vocaçã
Enquanto a arte sangra na palma da mão.

Na periferia,
o palco nasce torto,
erguido em braço exausto
de quem já vive morto.
Morto de conta vencida,
de pressão e solidão,
de carregar cultura inteira
sem respaldo de instituição.

E ninguém vê
quem carregou estrutura,
escreveu cada projeto,
passou noites em claro
editando futuro
pra no final ainda ouvir
que visibilidade
já cobre o contrato.

A batalha lota.
O slam emociona.
O audiovisual denuncia.
Mas por trás da fumaça da cena
tem gente adoecendo
sem plateia,

sem contrato,
sem garantia.

A cidade mastiga cultura
feito fumaça e combustão:
ama o fogo quando acende,
some quando vira carvão.
Quer o brilho do artista,
o impacto da criação,
mas nunca encara o cansaço
que sustenta a produção.

Querem foto lotada,
vídeo com visualização,
a revolta bem filmada
rendendo engajação

Mas nunca dividem o peso
de sustentar a criação
quando o edital atrasa,
quando falha a condução,
quando falta até comida
e ainda assim, na ferida,
a arte estende a mão.

Transformaram resistência
em obrigação!

Fizeram do esgotamento um símbolo,
da sobrecarga uma missão,
até gente adoecendo em silêncio

virar exemplo de dedicação.
E nós?
Nós seguimos criando.
Mesmo quando o Estado falha,
quando a cidade fecha a porta,
quando chamam de oportunidade
o que sempre foi derrota.

Seguimos fazendo arte
com o corpo no limite,
transformando em resistência
o que era pra ser crise.

Mas tem uma coisa
que eles nunca entenderão:
a cultura da periferia
não nasceu da escassez
nasceu da insistência
de quem não quer morrer.

Porque todo artista cansado
que ainda segura o microfone,
faz da câmera memória
e do verso seu sobrenome,
mesmo sem ter garantia,
descanso, dinheiro ou norte,
não é retrato da miséria,
é quem confronta a própria morte.
Morte lenta, parcelada,
vendida como “vocação”,

enquanto o Estado lava as mãos
e chama abandono de gestão.

Mas, cada corpo ainda em cena,
cada voz que não se cala,
cada artista que insiste
mesmo quando o mundo falha,
carrega mais que resistência:
carrega a cidade nas costas,
o peso de fazer cultura
num país que fecha portas.

Porque se a arte ainda pulsa
mesmo à beira do colapso,
não foi o povo que falhou,
foi o sistema, passo a passo,
transformando sobrevivência
em espetáculo barato.

E cada artista ainda em pé,
mesmo exausto, mesmo aflito,
é a prova mais violenta
de um abandono infinito:
um país que ama a cultura
mas acostumou-se a ver
quem cria beleza pro mundo
morrer tentando sobreviver.

BAGAGENS:

Fernanda Batista ●

UMA
INVESTIGAÇÃO
ARTÍSTICA

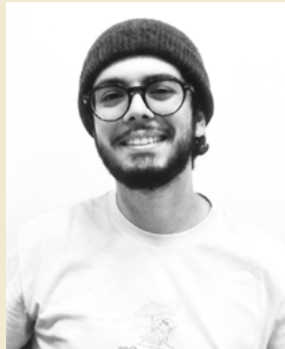
Este capítulo propõe uma investigação artística sobre o que os estudantes e professores trazem, literal e metaforicamente, para a universidade. É um convite a abrir não apenas um zíper, mas uma trajetória. Os objetos trazidos na bolsa são uma materialização da bagagem epistemológica que também carregam. Cada objeto revela não apenas identidade material, mas história de vida, saberes prévios, vivências culturais que servem como ponto de partida para uma educação libertadora. Ao abrir a bolsa, revela-se o que não se pode ver: as condições de possibilidade da própria presença ali. A educação deve partir do princípio de que os participantes possuem um saber prévio, adquirido através de sua história de vida, de sua prática social e cultural. Este é o ponto de partida para a construção de novos conhecimentos e para o amadurecimento da faculdade.

Esse trabalho tem como objetivo refletir sobre o acesso, a permanência, a trajetória e as subjetividades no universo acadêmico, usando a fotografia como ferramenta de pesquisa, não como mera ilustração. Elas representam os fragmentos materiais de uma história que antecede a sala de aula e também a domesticação do espaço público por meio da escolha dos itens trazidos. Esse capítulo não busca reduzir cada participante a um tipo fixo, mas sim capturar uma camada de cada um, a que cabe numa bolsa.

A câmera não registra a realidade. A foto dos objetos não é uma prova do que a pessoa carrega. Esses objetos cotidianos são portadores de significado cultural. As fotografias funcionam como um documento etnográfico: um retrato situado de uma geração, num lugar, num tempo específico. Além disso, essas imagens são uma coprodução de sentido entre o sujeito fotografado, a fotógrafa e quem depois as vê.

A pergunta proposta é simples, mas, quando ela é feita a um membro da universidade, alguém que atravessou seleções, distâncias, dúvidas e expectativas para chegar até lá, transforma-se em outra coisa. Ignorar o que alguém traz consigo para dentro da sala de aula, dentro da bolsa, dentro do corpo, é ignorar o sujeito. Este projeto recusa essa ignorância. Ele para, olha, e pergunta: “O que carrega, que ninguém vê?”

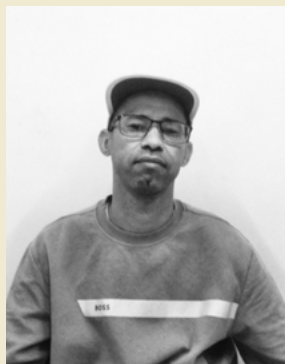
A N D R É



- 1-Caderno com ilustração
- 2-Canetinhas
- 3-Estojo
- 4-Celular

Sou bem iniciante em projetos culturais, já trabalhei em muitos eventos na igreja, desde a organização até a decoração. Mas, no geral, essa faculdade está sendo um desafio pra mim porque tem muita novidade. Eu queria muito trabalhar no meio artístico, tenho aprendido bastante. Desde criança, eu componho músicas e tento usar minha criatividade em um milhão de formas possíveis. Na adolescência, foquei muito em Design Gráfico, com edição de imagens. Ultimamente, tenho me dedicado a botar a mão na massa, fazendo esculturas e artesanatos. Já fiz alguns cursos nesse sentido, artesanato com fibra de bananeiras, escultura em argila. Gosto de tudo que envolva o fazer artístico. Pra mim, arte é a expressão da vida, entrega e vulnerabilidade, em muitos casos a arte é solitária, introspectiva, pessoal. Fazer arte é estender-se.

C L E Y T O N



Trago como bagagem 10 anos como artista na cena do rap. Nome artístico: Sula Rap. Cantei em alguns eventos nos estados de Goiás, Espírito Santo e no Distrito Federal. Tenho aproximadamente 80 composições, entre rap, funk e música sertaneja. Um ano de produção audiovisual com a produtora Bella tática, alguns vídeo clipes, propagandas para empresas como The coffee Brasil e Protect Piso, e captação de vídeo para o instituto Arayara.

- 1-Desodorante
- 2-Perfume
- 3-Carregadores
- 4-Folha de autorização para saídas temporárias
- 5-Laptop
- 6-Boné

B

I

A



Sou nova no mundo da Produção Cultural: venho das artes, artista desde a adolescência, formada em Moda e iniciando minha trajetória em Produção Cultural, buscando aprofundar meu lado artístico e aprender novos fundamentos da área. Participei de um projeto de muralismo para o público TEA no Shopping Conjunto Nacional, expus um editorial na mostra “Quem vê look não vê corre”, fui finalista em um concurso de upcycling no Remoda DF e atuei como palestrante, apresentadora e embaixadora na 4ª edição da Revista AVESSO, no Interfashion Brasília 2025.

*1-Croquis
e desenhos*

*2-Garrafa
de água*

3-Chave

*4-Canetas, lapiseira
e lixa de unha*

5-Carregador

6-Remédio

7-Celular

8-Óculos

T

H

A

M

I

E



Acho que como bagagem cultural para a universidade, eu trouxe alguns sonetos mal escritos, umas composições longe de serem sensacionais, uma sede sem fim de aprender, além de, claro, meu paraquedas que não consigo abrir

1-Garrafa de suco

2-Garrafa de água

3-Estojo

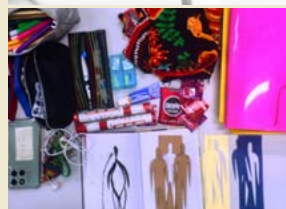
4-Carteira

5-Caderno de música

6-Livro da biblioteca

I A N I

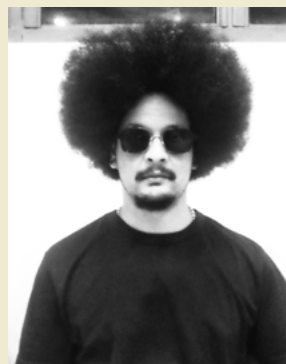
A bagagem cultural que eu trago para a universidade é a minha carreira como artista visual, onde eu desenho, pinto, faço gravura, xilogravura, escrevo, faço poesia. Há o meu trabalho com “falas do arco-íris”, onde eu tento dar visibilidade à comunidade LGBTQIAPN+. A vivência com as pessoas dentro da universidade, tanto com os alunos, com os professores, com os servidores, é extremamente importante para criar um senso de comunidade e fazer a UnDF o que ela é.



- | | |
|------------------------------|----------------------|
| 1-Pastas | 7-Arte mini bofe |
| 2-Canga | 8-Arte sobre bulimia |
| 3-Camisinhas e lubrificantes | 9-Fones de ouvido |
| 4-Bepantol | 10-Chave |
| 5-Remédios variados | 11-Celular |
| 6-Estojo | |

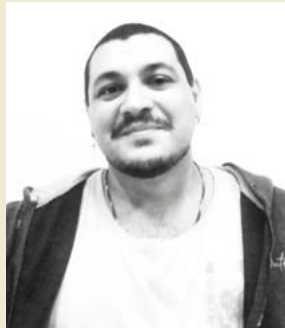
J E R E M Y

Acho que de relevante é a construção cultural no meu território, principalmente com a Banda Zoka, que é uma banda autoral que surge em Ceilândia em 2016 e transita entre o reggae e o rap, e busca construir essa cena cultural no território.



- 1-Bandana
- 2-Caneca
- 3-Copo
- 4-Caneta
- 5-Agenda
- 6-Pente

K Y R O N



- 1-Solução para lentes de contato
- 2-Adesivo para alívio de febre
- 3-Fone de ouvido
- 4-Capotraste para violão
- 5-Abridor de garrafa
- 6-Caneta

Acredito que, de certa forma, posso ter contribuído na parte artística, como cantor, e em alguns eventos que ocorreram na faculdade, como o Ride em Rede e o Festival de Curtas Capivara de Ouro, que ocorreram, respectivamente, em 2023 e 2025. Assim como na participação ativa em alguns saraus, nas duas funções. Também desenvolvo um projeto de extensão chamado Matizes Musicais, que tem o objetivo de propagar o ensino de teoria musical, poética e composição, tanto para a universidade, quanto para a comunidade. Como vivência, levo comigo os momentos engraçados e as amizades que fiz e que ainda estou fazendo pelo caminho. Acredito que, em uma área como a nossa, é preciso uma rede de apoio e coletividade, para que cresçamos juntos. Há toda uma experiência humana envolvida: as idas e vindas das amizades e relacionamentos, o crescimento pessoal com o passar dos anos, as dificuldades e benesses que encontramos no dia a dia. Este é um período conturbado e, mesmo assim, extremamente bom e importante para as nossas vidas.

L E O



O que eu trago como bagagem é minha experiência docente em Artes Visuais, e também experiência como artista e escritor atuando no Distrito Federal.

- | | |
|-----------------------|----------------------|
| 1-Barrinha de cereais | 7-Ponto cruz |
| 2-Álcool | 8-Chamada em post-it |
| 3-Fita adesiva | 9-Cigarros |
| 4-Carteira | 10-Chave |
| 5-Necessaire | 11-Isqueiro |
| 6-Fone de ouvido | |

S O W A N D Ê

Eu sou do meio cultural desde novo, e sempre consumi muita cultura:

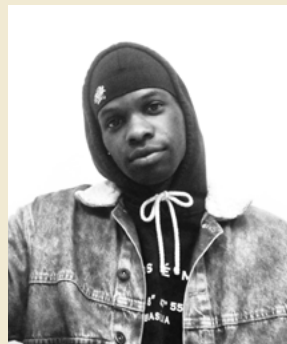
- Promotor de eventos em boate: Trend, Platz
- Produção da banda Grupo Inevitável
- Evento corporativo Budweiser Ação Copa 2022
- Coordenação de equipe Natura
- Modelo
- Musico

Entre outras experiências.

1-Solução para lentes de contato

2-Adesivo para alívio de febre

3-Fone de ouvido

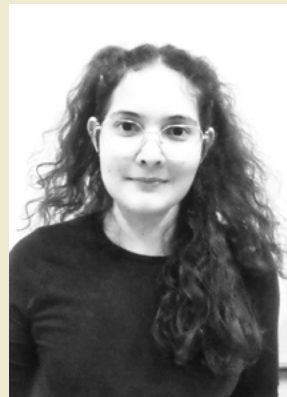


B R U N A

Sou potiguar do interior do Rio Grande do Norte, muito ligada a trabalhos manuais como crochê, pintura e desenho de roupas, inspirada pela minha avó costureira. Participei por muitos anos do NUCA, ligado ao Selo UNICEF, desenvolvendo projetos e campanhas para a juventude, e em Brasília já apresentei dança e uma mini palestra sobre danças tradicionais nordestinas, além de seguir criando projetos com minha turma de Produção Cultural.

- 1-Ecobag*
- 2-Celular*
- 3-Garrafa de água*
- 4-Gloss*

- 5-Tablet*
- 6-Livros de coreano*
- 7-Chaves*



MANUAL DE SOBRE- VIVÊNCIA

**DO CURSO SUPERIOR
DE TECNOLOGIA EM
PRODUÇÃO
CULTURAL
NA UNDF**

Fláésio Pereira da Silva



Meu nome é Flaésio, sou estudante do Curso Superior de Tecnologia em Produção Cultural da UnDF e este texto nasce das experiências acumuladas entre salas de aula, editais, greves, reuniões estudantis, PDFs institucionais e a constante tentativa de entender se estamos cursando uma graduação ou participando de um laboratório social em fase beta.

As situações apresentadas aqui são “sabor realidade”: baseadas em fatos reais, porém aprimoradas pelo humor, pelo exagero e pela necessidade emocional de transformar precariedade em narrativa. Afinal, o próprio PPC do curso afirma que a universidade deve dialogar com o “cotidiano vivo” da comunidade acadêmica. Este texto apenas levou essa proposta a sério demais.

O Projeto Pedagógico do Curso fala sobre formação humanista, interdisciplinar, democrática, inclusiva, ética, sustentável, horizontalizada e transformadora. O estudante lê isso enquanto calcula se consegue pegar o último metrô, jantar antes da lanchonete fechar e manter frequência suficiente para não perder o auxílio permanência.

A experiência universitária na UnDF talvez seja justamente essa: ter um projeto pedagógico extremamente bonito enquanto a realidade realiza uma performance experimental de caos administrativo contemporâneo.

SOBRE COMO EXPLICAR O CURSO ATÉ PROS PROFESSORES

“Mas o Curso Superior de Tecnologia em Produção Cultural forma exatamente o quê?”

Essa pergunta acompanha o estudante em todos os ambientes possíveis, inclusive dentro da própria universidade. O PPC promete formação crítica, ética e criativa, mas muitos estudantes ainda tentam descobrir como isso acontece na prática. Existe a sensação coletiva de que o curso está sendo criado enquanto acontece.

Dica: se a conversa ficar longa demais, diga apenas que você “trabalha com gestão de processos culturais interdisciplinares”. Ninguém entende, mas todos fazem cara de quem entendeu.

SOBRE COMO JANTAR ANTES DO LANCHE ACABAR

O PPC fala sobre formação integral. A universidade oferece experiência integral de fome. Sem restaurante universitário, o estudante do noturno aprende a sobreviver calculando tempo entre ônibus, trabalho e aula. A lanchonete vira arena de sobrevivência alimentar. Conseguir um salgado depois das 20h exige estratégia, velocidade e, às vezes, fé coletiva.

Dica: desenvolva reflexos rápidos e senso de urgência. Na UnDF, conseguir um salgado requentado depois das 20h é algo quase impossível.

SOBRE MATRÍCULA COMPULSÓRIA E OUTRAS FORMAS DE SOFRIMENTO

A matrícula compulsória transforma a vida acadêmica em experiência psicológica coletiva. O estudante descobre disciplinas e horários sem participar da decisão. Trabalhar, morar longe ou precisar trancar matéria tornam-se detalhes administrativos. Estudantes neurodivergentes ainda enfrentam suporte institucional limitado, aprendendo mascaramento social, autocontrole emocional e adaptação forçada para sobreviver dentro da lógica universitária.

Dica: nunca crie vínculo emocional com sua grade horária. Ela pode desaparecer a qualquer momento sem aviso prévio e sem direito a luto.

SOBRE COMO PERDER AUXÍLIO TRABALHANDO

A universidade acredita na permanência estudantil. O boleto acredita no desespero humano. O estudante trabalha porque precisa sobreviver, mas trabalhar demais significa perder frequência, auxílio e estabilidade emocional. O cotidiano universitário ensina gestão de crise financeira aplicada muito antes de qualquer disciplina sobre políticas culturais ou inclusão social.

Dica: aprenda a correr, comer, responder e-mail, pegar ônibus e existir simultaneamente. O estudante trabalhador da UnDF opera em multijanelas humanas.

SOBRE PIBIC, PIBEX E A RINHA DE EDITAIS

Em determinado momento da graduação, o estudante deixa de existir como pessoa e passa a viver através de siglas. PIBIC, PIBEX, auxílio permanência e editais tornam-se mecanismos de sobrevivência. Cada PDF institucional mistura esperança, burocracia e sofrimento digital. Permanecer na universidade exige quase a mesma energia necessária para concluir o curso.

Dica: antes de abrir qualquer edital, faça um chá e uma oração. O PDF provavelmente terá mais plot twist que série da Netflix.

SOBRE MORAR LONGE E DESENVOLVER PODERES SOBRENATURAIS NO TRANSPORTE PÚBLICO

Sem moradia estudantil, muitos estudantes atravessam cidades inteiras para frequentar a universidade. O transporte público vira componente curricular obrigatório. A expansão para Ceilândia aprofundou debates sobre permanência, logística e desigualdade. Para estudantes trabalhadores, mudar campus não significa apenas mudança geográfica, mas transformação completa da rotina e das possibilidades de continuar estudando.

Dica: aceite que o ônibus já faz parte da sua personalidade. Em algum momento você vai chamar a estação de “segunda casa”.

SOBRE A EXPANSÃO UNIVERSITÁRIA

Enquanto estudantes reivindicam restaurante universitário, assistência estudantil e espaços de convivência, surgem debates sobre expansão universitária, contratos milionários e aluguel de prédios. A gestão chama isso de modernização institucional. Muitos estudantes tentam entender onde termina a política pública e onde começa a especulação imobiliária com linguagem administrativa sofisticada.

Dica: sempre que ouvir as palavras “reestruturação” e “transição”, segure firme sua mochila e seu psicológico.

SOBRE O ESTUDANTE QUE VIRA MILITANTE SEM QUERER

Muitos estudantes entram na universidade querendo apenas estudar. Pouco tempo depois estão lendo termos administrativos, discutindo orçamento público e participando de assembleias. A precarização institucional transforma permanência em pauta política. Na prática, sobreviver academicamente exige mais articulação coletiva do que a própria universidade parece conseguir oferecer.

Dica: cuidado ao participar da primeira reunião estudantil. Quando perceber, você já estará corrigindo nota pública às duas da manhã.

SOBRE SOBREVIVER AO CALOR PSICOLÓGICO DA UNIVERSIDADE PÚBLICA

Existe um cansaço específico produzido pela combinação entre transporte, ansiedade acadêmica, trabalho e burocracia institucional. O estudante aprende rapidamente que ironia, meme e reclamação coletiva funcionam como mecanismos legítimos de sobrevivência emocional. Entre crises e prazos, surgem amizades construídas na base do café, do desespero compartilhado e do humor coletivo.

Dica: nunca subestime o poder terapêutico de reclamar no corredor antes da aula.

SOBRE APRESENTAÇÕES ACADÊMICAS PERFORMÁTICAS

No Curso Superior de Tecnologia em Produção Cultural, até seminário vira espetáculo. Sempre existe alguém colocando trilha sonora, iluminação experimental ou conceitos visuais excessivamente complexos numa apresentação de dez minutos. Em alguns momentos, a estética parece funcionar melhor que o próprio conteúdo acadêmico apresentado em sala.

Dica: se faltar repertório teórico, coloque uma iluminação baixa, uma playlist experimental e fale sobre “processos de construção simbólica”.

SOBRE TRABALHOS EM GRUPO E DESAPARECIMENTOS MISTERIOSOS

Todo trabalho em grupo começa com esperança coletiva e termina com duas pessoas fazendo tudo. Muitos desaparecimentos acontecem não apenas por irresponsabilidade, mas também pelo desgaste causado pela própria organização do curso. Conciliar trabalho, transporte, saúde mental e universidade empurra estudantes lentamente para evasão acadêmica silenciosa.

Dica: antes de formar grupo, descubra quem realmente sabe usar Canva e quem ainda responde mensagem depois das 23h.

SOBRE A UNIVERSIDADE DOS ARTISTAS SEM HH

A UnDF está cheia de artistas, produtores, fotógrafos, designers e pessoas capazes de transformar qualquer cartolina em instalação contemporânea. O problema é a ausência de espaços reais de convivência cultural. Não existe HH consolidado, circulação artística frequente ou permanência estudantil baseada em encontros. Existe apenas o estudante cansado esperando ônibus depois das 22h.

Dica: valorize quem leva violão, lanchinho ou cigarriinho. São os verdadeiros pilares da permanência estudantil.

SOBRE SOBREVIVER SEM ESTÁGIO E FINGIR ESTABILIDADE EMOCIONAL

O PPC fala sobre empreendedorismo, inovação e formação profissional. O estudante responde perguntando onde estão os estágios. Sem empresa júnior estruturada ou oportunidades constantes, muitos aprendem a sobreviver improvisando trabalhos, freelas e produção independente. O currículo cresce lentamente enquanto a estabilidade emocional desaparece em velocidade impressionante.

Dica: se perguntarem sobre experiência profissional, responda “vivência prática em gestão de crise”. Tecnicamente não é mentira.

SOBRE ARTE, TABACO BOLADO E ECONOMIA PARALELA UNIVERSITÁRIA

Toda universidade cria sua própria economia informal. Na ausência de estrutura suficiente, surgem vendedores de brigadeiro, fotógrafos independentes, designers, artesãos e empreendedores do tabaco bolado. Talvez essa seja a prática mais concreta de economia criativa dentro da universidade pública: transformar precariedade em mecanismo coletivo de sobrevivência financeira.

Dica: na falta de políticas estruturadas, o pix coletivo e o brigadeiro artesanal tornam-se os verdadeiros mecanismos de sustentabilidade cultural.

SOBRE CONTINUAR AQUI APESAR DE TUDO

Apesar do caos institucional, existe algo muito potente em estudar Produção Cultural na UnDF. O curso reúne artistas, trabalhadores, pesquisadores, produtores e pessoas que transformam precariedade em criação coletiva diariamente. Entre crises, greves e improvisos, surgem redes de afeto, criatividade e resistência que talvez ensinem mais sobre cultura do que qualquer disciplina isolada conseguiria ensinar.

Dica: às vezes, sobreviver junto também é uma forma de produzir cultura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O PPC afirma que o curso deve dialogar com o cotidiano vivo da universidade. Missão cumprida. Apesar das crises logísticas, da precariedade estrutural e do imprevisto institucional constante, existe algo profundamente bonito na tentativa coletiva de construir uma universidade pública ainda em formação. Entre greves, PDFs e ônibus lotados, surgem também solidariedade, criatividade e resistência coletiva. Talvez Produção Cultural seja exatamente isso: aprender a produzir existência mesmo quando a estrutura ainda parece improvisada.





ENTRE DISTÂNCIAS

Gabriela Vigeta



Saí do Rio sozinha pra estudar aqui. E acho que ninguém fala o suficiente sobre o que é recomeçar longe de tudo: aprender novos caminhos, novos ritmos, novas ausências. Tem dias em que o DF parece imenso demais. Mas também tem dias em que ele parece vazio, de um jeito difícil de explicar.

No Rio, eu cresci cercada por movimento sem nem perceber. Tinha samba na esquina, funk atravessando os bairros, blocos ocupando as ruas, artistas se apresentando nos vagões de trem, famílias sentadas nas calçadas conversando alto no fim da tarde, e gente transformando qualquer espaço em encontro. A cultura parecia fazer parte da própria respiração da cidade. Ela acontecia de forma espontânea, quase impossível de ignorar.

Brasília, para mim, foi um choque imediato.

As distâncias são enormes. O silêncio pesa em alguns lugares. Tudo parece muito organizado visualmente, mas ao mesmo tempo distante. No começo, eu olhava para a cidade e sentia dificuldade em entender onde a cultura realmente acontecia. Como se Brasília escondesse aquilo que o Rio escancara.

E talvez ela esconda mesmo.

Aqui, a cultura parece exigir mais tempo, mais atenção e mais deslocamento. Nada parece acontecer de maneira tão explícita. Aos poucos, fui entendendo que Brasília não é uma cidade que se revela rápido. Existe muita coisa viva acontecendo, mas quase sempre longe dos centros mais visíveis, longe dos cartões-postais e dos espaços pensados para parecerem perfeitos.

Brasília me fez entender o que significa viver na ci-

dade mais segregada do Brasil. Existe a cidade do cartão-postal, do concreto bonito, dos prédios monumentais, e existe a cidade que acorda às cinco da manhã pra pegar três ônibus e atravessar quilômetros só pra trabalhar. Aqui, muita gente passa mais tempo em deslocamento do que vivendo a própria vida.

A rodoviária talvez seja o retrato mais honesto do DF. Gente correndo, cochilando sentada, carregando mochila, marmita, uniforme, cansaço. Todo mundo indo muito longe pra conseguir existir minimamente. Em Brasília, viajar faz parte da rotina de sobreviver.

E a periferia aqui funciona diferente da que eu conhecia no Rio. Lá, a favela ocupa o morro e impõe sua presença na paisagem. Aqui, parece que tudo foi planejado pra afastar os pobres do centro, como se a cidade precisasse esconder quem sustenta ela. As distâncias não são acidente. Elas fazem parte do projeto.

Estudar Produção Cultural no Distrito Federal é estudar um território cheio de contradições. Brasília foi planejada para parecer organizada, monumental, moderna. Mas basta atravessar algumas ruas, pegar um ônibus mais distante, conversar com artistas periféricos, coletivos independentes e trabalhadores da cultura para perceber que existem muitas cidades dentro de uma só.

Produzir cultura em Brasília também é bater de frente com uma cidade extremamente controlada. Uma cidade onde grafite ainda é tratado como ameaça estética. Onde as festas têm hora pra acabar. Onde o transporte público praticamente deixa de existir depois da meia-noite, como se o direito à cidade também tivesse horário comercial.

Existe algo muito contraditório em tentar viver cultura num lugar desenhado mais para circulação do que para encontro. Às vezes parece que Brasília dificulta a permanência das pessoas nos espaços. Tudo é longe, tudo exige deslocamento, tudo depende de carro. E isso atravessa diretamente quem consegue ou não acessar arte.

Até a experiência universitária carrega isso. É curioso estudar numa universidade no Lago Norte sem praticamente encontrar moradores do próprio Lago Norte dentro dela. A presença majoritária continua sendo de pessoas que atravessam o DF inteiro todos os dias pra estudar. Pessoas das regiões administrativas, cidades periféricas, gente que vive horas dentro de ônibus. Isso diz muito sobre quem consegue ocupar certos espaços e quem realmente sustenta eles.

A UnDF também carrega um sentimento de improviso permanente. É uma universidade ainda tentando entender o que é, enquanto a gente tenta entender o que está fazendo aqui.

E talvez seja isso que mais me atravessa em Brasília: a sensação constante de deslocamento. Como se ninguém realmente pertencesse. Como se todo mundo estivesse sempre no meio do caminho entre um lugar e outro. Ainda tenho medo do futuro. Acho que quase todo estudante tem. Medo de não conseguir trabalho, de não conseguir viver de arte e cultura, de ver investimentos desaparecerem outra vez. Mas também existe um desejo insistente de construção.

Quero olhar para trás daqui a alguns anos e perceber que Brasília deixou de ser apenas a cidade para onde

eu me mudei. Quero sentir que ela também virou parte da minha história.

Talvez seja isso que a Produção Cultural esteja me ensinando, no fim das contas: cultura não é apenas o lugar de onde a gente vem. Também é o lugar que a gente aprende, aos poucos, a chamar de casa.

A PRODUÇÃO CULTURAL E SUAS VIVÊNCIAS

**NO CAMPUS
DA UNDF
CAMPUS
NORTE**

Helen Moreira Nunes

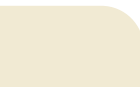


A vivência na faculdade e suas correrias. A minha vivência com a faculdade é uma correria, pois eu estudo e trabalho como CLT, todos os dias enfrento muita luta para chegar na faculdade saindo do trabalho, segue abaixo um check list de como você, sendo um CLT, tem que se programar para tentar conciliar tudo.

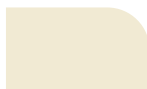
1. Acordar no mesmo horário todo dia;
2. Fazer sua marmita do trabalho e dois lanches – um para a saída do trabalho, outro para o intervalo da faculdade (sempre bom comprar com antecedência);
3. Mochila preparada antes;
4. Chegar em casa e tentar revisar tudo que viu na matéria do dia, se possível por 15 minutos, ou no horário de almoço do trabalho;
5. Tomar banho;
6. Tentar fazer três refeições ao dia (se possível);
7. Perguntar para os colegas de curso sobre as atividades;
8. Academia;
9. Terapia (se possível);
10. Revisar todas as matérias por pelo menos 30 minutos no seu dia de folga;
11. Separar todas as suas roupas para enfrentar o dia, como: roupa de trabalho, treino e faculdade;
12. Avisar seus colegas e professores sobre sua rotina por causa de alguma falta;

13. Tentar estar presente no momento de aula, isto é, com a cabeça lá (esse será seu momento de maior satisfação);
14. Lembrar todos os dias por que está nessa luta;
15. O conhecimento ninguém tira;
16. Tomar bastante água.





DIÁRIO



DE

BORDO

Isabel de Castro Pacífico ●

17H22 – BOSQUE, SÃO SEBASTIÃO (DF)



Bosque, São Sebastião, DF.

Saio de casa enquanto o sol começa a se esconder. Quando não tenho algum trabalho antes da aula, esse costuma ser o horário em que começo o percurso entre São Sebastião e o Lago Norte. Espero o ônibus pensando em como esse caminho acabou se tornando também um caminho de volta para mim mesma.

Quase sempre estou ouvindo música durante o trajeto. Acho difícil atravessar a cidade sem ela. Existe algo de muito poético em atravessar a ponte (JK), e em observar o sol se pondo pela janela do ônibus enquanto escuto músicas que gosto e que me acompanham nesse caminho. Entre um ponto e outro, vou pensando na minha própria trajetória.

Muito antes da UnDF, minha relação com a cultura já começava a ser construída em São Sebastião. Em 2013, conheci o Instituto Cultural CongoNya, onde comecei a fazer aulas de dança afro. Foi através desse espaço que passei a conhecer pessoas envolvidas com a cena cultural da cidade e entender a potência cultural existente na periferia.

Esses encontros mudaram minha forma de enxergar o lugar onde moro e também a mim mesma. A cultura deixou de ser apenas entretenimento e passou a ser também pertencimento, expressão e possibilidade.

18H27 – RODOVIÁRIA DO PLANO PILOTO



Ponte JK.

Desço do ônibus e sigo para mais uma condução até a universidade. O caminho continua. Entre um ônibus e outro, penso que, de certa forma, estudar Produção Cultural também é consequência dessa trajetória construída em São Sebastião, entre espaços culturais, artistas periféricos, eventos independentes e pessoas que insistem em produzir cultura mesmo diante das dificuldades.

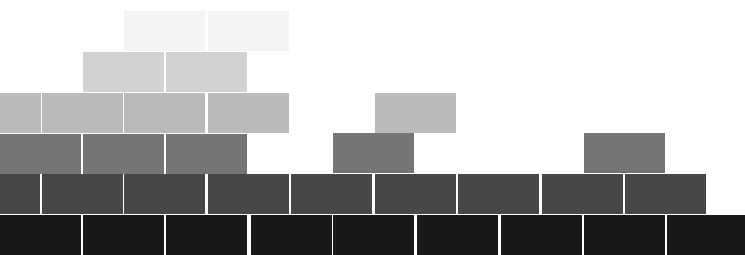
19H07 – LAGO NORTE / UNDF

Chego na universidade para o início da aula, às vezes um pouco depois. Afinal, ando de ônibus em Brasília. Existe uma distância geográfica entre São Sebastião e o Lago Norte, mas sinto que foi a cultura que me ensinou a atravessá-la.

O TEMPO DAS PAREDES E A RETOMADA DO FUTURO

**PERCEPÇÕES DE UM INGRESSO
TARDIO (E URGENTE) NA
PRODUÇÃO CULTURAL DA UNDF**

João Manuel Ribeiro Coelho ●



Entrar numa universidade pública é, por si só, um ato de travessia. Fazer isso cruzando a linha invisível, mas pesada, do tempo, aos sessenta ou mais anos, transforma a travessia em um manifesto silencioso. Meu ingresso na Universidade do Distrito Federal não aconteceu pelas vias planas do rito tradicional, mas pelas frestas: as vagas remanescentes. Vagas que sobram, vagas que esperam, vagas que parecem carregar o peso do que não foi preenchido, mas que, para mim, tornaram-se o preenchimento de uma vida inteira.

Lembro-me do primeiro dia em que caminhei pelos corredores do campus. Havia uma eletricidade no ar, típica de uma instituição jovem, mas também uma densidade palpável. As paredes da UnDF gritavam. Antes mesmo que eu pudesse ouvir a voz dos meus professores de Produção Cultural ou debater com meus colegas, a maioria deles com idades que poderiam ser as dos meus netos, as paredes me receberam com slogans, pichações, cartazes e marcas de uma comunidade acadêmica em ebulição.

Havia tensão naquelas paredes. Uma tensão entre a burocracia do nascimento de uma universidade e o desejo pulsante de quem quer fazer cultura no coração do quadradinho. Olhar para aquelas inscrições nas paredes foi o meu primeiro exercício de leitura cultural. Eu, um estudante idoso, diante de slogans que exigiam pressa, futuro e revolução. Mas o que é o futuro para quem já viveu a maior parte dele? E o que é a cultura se não a teimosia de continuar produzindo sentidos, independentemente do tempo cronológico?

A Produção Cultural no Distrito Federal é uma arena de disputas. Estudar essa engrenagem na UnDF significa compreender as periferias, os centros, a burocracia estatal e as manifestações espontâneas que brotam do asfalto e

do cerrado. No início, confesso, o sentimento de inadequação foi um slogan invisível que bateu no peito. “Vaga remanescente para idoso”. A expressão jurídica e administrativa soa quase como um favor, um anexo da história principal.

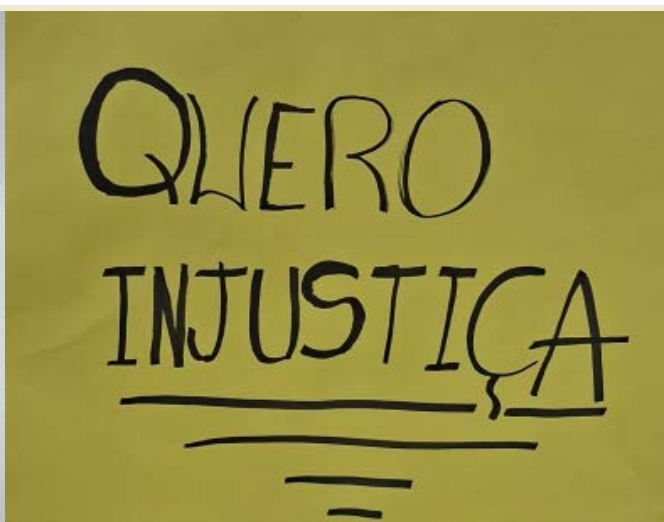
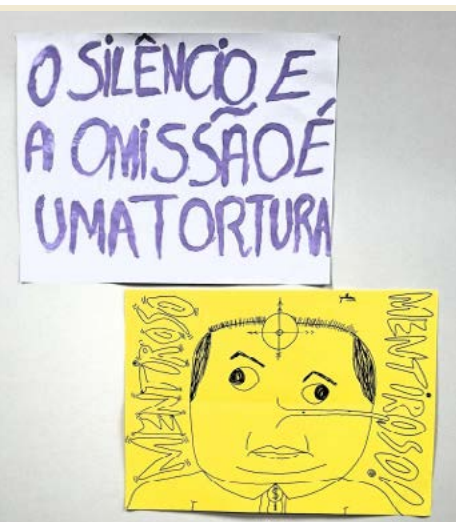


No entanto, ao tensionar o meu olhar sobre o quotidiano acadêmico, percebi que a própria UnDF vive o seu momento de afirmação e disputa de espaço. Os slogans nas paredes refletem as dores do crescimento, as cobranças por estrutura, o grito por uma identidade cultural própria. Compreendi, então, que a minha presença ali não era um ponto fora da curva, mas parte da mesma curva de resistência. Se a universidade luta para fincar suas raízes e definir seu papel no DF, eu, como os meus colegas, lutei para redefinir o nosso papel no mundo.

Os trabalhos individuais que realizamos ao longo deste semestre me mostraram que produzir cultura é, fundamentalmente, cartografar memórias e projetar futuros.

Minha trajetória traz uma bagagem que os livros teóricos não conseguem simular: a vivência histórica da cidade, a percepção do tempo que passa de forma diferente. Quando debato com jovens de vinte anos, o choque geracional se dissolve na busca comum por expressão. Minhas metas na UnDF deixaram de ser apenas a obtenção de um diploma; tornaram-se a urgência de registrar que a cultura viva se faz com a soma de todas as idades.

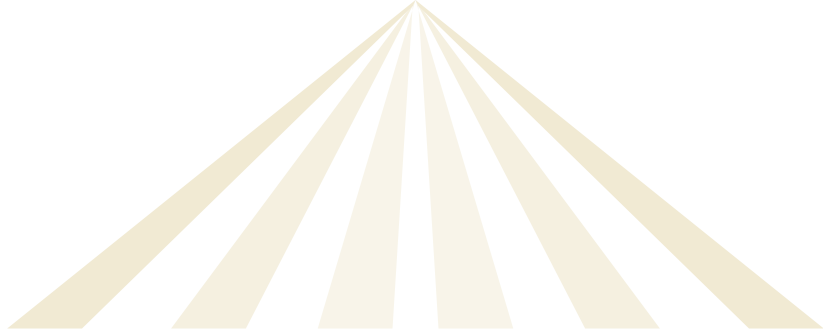
O que sonho construir a partir daqui? Desejo que este livro digital, organizado por nós e diagramado pela Renata, seja o espelho de uma UnDF plural, que não teme suas próprias tensões. Meu plano na Produção Cultural é usar a escrita, a memória e a gestão de projetos para criar pontes entre a juventude que ferve nas salas de aula e a sabedoria que muitas vezes fica isolada nas comunidades e nos lares de idosos do DF.



Estar na UnDF hoje significa aceitar o desafio de construir uma universidade do zero, sabendo que as marcas de giz e os slogans nas paredes são os rascunhos de uma história que orgulhosamente ajudo a escrever. O futuro que desejo para mim é o direito de continuar criando, incomodando e produzindo. O futuro que desejo para a UnDF é que suas paredes continuem vivas, barulhentas e contestadoras, mas que o acesso permaneça largo o suficiente para caber o jovem da periferia, o artista local e o idoso que decidiu que o tempo de aprender e fazer arte é o agora.

As paredes da UnDF gritam urgência. E eu, finalmente, descobri que o meu tempo tem exatamente a mesma urgência que o delas.

Brasília, Lago Norte,
19/05/2026.



O PRODUTOR CULTURAL E AS ARTES CIRCENSES:

Juan Pablo Quarti



**APRENDIZADOS
DE EQUILÍBRIO,
CORPO E CRIAÇÃO**

O trabalho do produtor cultural costuma ser associado apenas à organização de eventos, elaboração de projetos e gestão de artistas. Porém, a prática da produção cultural vai muito além da parte burocrática: ela envolve sensibilidade, criatividade, improvisação e capacidade de adaptação. Nesse sentido, as artes circenses oferecem importantes aprendizados para quem atua na área cultural, especialmente por meio de práticas como o equilíbrio, os malabares e a expressão corporal.

O circo é uma das manifestações artísticas mais antigas da humanidade. Sua linguagem mistura técnica, emoção e presença cênica, criando uma conexão direta com o público. Ao entrar em contato com as práticas circenses, o produtor cultural não apenas compreende melhor o universo artístico, mas também desenvolve habilidades fundamentais para seu próprio trabalho.



O equilíbrio, por exemplo, representa muito da realidade da produção cultural. Um produtor precisa equilibrar orçamento, tempo, equipe, expectativas do público e necessidades dos artistas. Assim como um equilibrista aprende a controlar o corpo e manter a concentração, o produtor cultural aprende a lidar com pressões e imprevistos sem perder a direção do projeto. O equilíbrio deixa de ser apenas físico e passa a ser também emocional e profissional.

Os malabares também podem ser entendidos como uma metáfora do cotidiano na cultura. Muitas vezes, o produtor precisa realizar diversas tarefas ao mesmo tempo: organizar cronogramas, buscar recursos, divulgar eventos, resolver problemas técnicos e acompanhar apresentações. A prática do malabarismo desenvolve coordenação, foco e percepção do tempo, habilidades que dialogam diretamente com a dinâmica da produção cultural.

Além disso, as artes circenses valorizam o erro como parte do aprendizado. Em um treino de malabares ou acrobacia, deixar objetos caírem faz parte do processo. Isso ensina persistência e resiliência. Na produção cultural acontece algo semelhante: nem sempre os projetos saem exatamente como planejado, e muitas vezes é necessário improvisar soluções rapidamente. O circo mostra que o erro não significa fracasso, mas oportunidade de crescimento e aperfeiçoamento.

Outro aspecto importante é o trabalho coletivo. O circo, tradicionalmente, depende da colaboração entre artistas, técnicos e equipe de apoio. A confiança entre os participantes é essencial, principalmente em números que envolvem risco físico. Da mesma forma, a produção cultural depende da construção de redes, parcerias e cooperação entre diferentes profissionais. Aprender a trabalhar em gru-

po é fundamental para fortalecer projetos culturais e ampliar seu impacto social.

As práticas circenses também contribuem para o desenvolvimento da expressão corporal e da comunicação. O corpo passa a ser entendido como instrumento artístico e meio de interação com o público. Para o produtor cultural, essa percepção amplia a compreensão sobre os processos criativos e sobre a importância da experiência artística na transformação social e humana.

Portanto, unir produção cultural e artes circenses é reconhecer que ambas compartilham elementos fundamentais como criatividade, adaptação, sensibilidade e trabalho coletivo. O aprendizado proporcionado pelo circo ultrapassa o espaço da apresentação artística e influencia diretamente a formação humana e profissional. Em um contexto cultural marcado por desafios constantes, as artes circenses oferecem ao produtor cultural ferramentas importantes para criar, resistir e transformar realidades através da arte.



CULTURA COMO DIREITO E UNIVERSIDADE COMO DESTINO:

**PRIMEIRA TURMA
DE PRODUÇÃO CULTURAL
DA UNDF BUSCA TRANSFORMAR
O CENÁRIO CULTURAL DO DF**

Júlio César da Mota



A criação do curso de Tecnologia em Produção Cultural da Universidade do Distrito Federal Professor Jorge Amaury Maia Nunes representa, para nós, mais do que uma nova graduação pública no Distrito Federal. Como estudantes da primeira turma do curso, enxergamos essa conquista como a concretização do direito à cultura, à educação superior e à descentralização de oportunidades historicamente concentradas no Plano Piloto.

Vindos de diferentes Regiões Administrativas, carregamos trajetórias em que a arte sempre esteve presente como forma de identidade, resistência e sobrevivência. Ainda assim, durante muito tempo, o acesso à formação profissional na área cultural parecia distante da realidade de muitos jovens das periferias do DF.

Perceber que o desejo de trabalhar com arte poderia receber o reconhecimento de uma universidade pública foi um divisor de águas para nós. A abertura da graduação significou a possibilidade de transformar uma paixão frequentemente tratada apenas como hobby em uma profissão legitimada institucionalmente.

A chegada da UnDF ao cenário educacional do DF também representa, para a nossa turma, um marco de reparação histórica. Entendemos que uma universidade pública voltada para o próprio território reafirma que o acesso à cultura e ao ensino superior não deve ser tratado como privilégio, mas como um direito garantido   população.

PRIMEIRA GERAÇÃO ENFRENTA DESAFIOS E ASSUME PROTAGONISMO

Ser a primeira turma de um curso recém-criado nos coloca diante de desafios diários. Convivemos com processos ainda em construção, ajustes acadêmicos e a adaptação de uma universidade que também vive seus primeiros anos de funcionamento.

Apesar disso, enxergamos o pioneirismo como oportunidade de participação ativa na construção da identidade do curso. Projetos, debates e ações de extensão têm contribuído para moldar os rumos da Produção Cultural dentro da instituição.

A pluralidade territorial da nossa turma é uma das principais características da graduação. Estudantes de regiões como Ceilândia, Samambaia, Planaltina e São Sebastião compartilham experiências e perspectivas distintas sobre cultura, políticas públicas e acesso a direitos culturais. Essa diversidade também transforma a própria dinâmica universitária. A universidade deixa de olhar para a periferia de longe e passa a construir conhecimento a partir dela.

FORMAÇÃO BUSCA FORTALECER CULTURA COMO FERRAMENTA DE TRANSFORMAÇÃO

Entre os objetivos que compartilhamos está o fortalecimento da cultura como instrumento de transformação social e econômica no Distrito Federal. Defendemos a ampliação do acesso às políticas culturais e a valorização das produções artísticas originadas nas periferias.

Como primeira geração do curso, também carregamos a responsabilidade de consolidar essa graduação para os próximos estudantes. Acreditamos que os desafios enfrentados atualmente contribuirão para fortalecer a estrutura acadêmica e ampliar as oportunidades futuras.

Para nós, o legado da turma vai além da formação individual. Queremos garantir que o acesso à universidade pública e à profissionalização cultural permaneça aberto, democrático e acessível para as próximas gerações.

A experiência da primeira turma da Produção Cultural da UnDF já se tornou, para nós, um movimento irreversível de transformação no território do Distrito Federal. Entendemos que a cultura é um direito e que a universidade pública é parte fundamental desse caminho.

A PELEJA DO PRODUTOR CULTURAL NO SERTÃO DA GESTÃO

Maritza Andréa Lucena de Barrón



Eu vou contar pra vocês,
uma história real,
de uma universidade,
aqui no Distrito Federal.

Aqui o ensino superior gratuito não é ilusão,
ele agora avança,
trazendo para o nosso povo cansado,
um pouquinho de esperança.

Vários cursos aparecem,
serviço social, letras, TI e tantos por aí,
só que nossa principal função,
é focar em uma certa graduação.

Essa graduação é novidade,
trabalha com cultura e arte,
parece até natural,
é a notável produção cultural.

O papel do produtor,
é peleja, sim senhor,
porém com uma boa gestão,
faz a arte ganhar dimensão.

Tudo se inicia se o projeto impulsionar,
mas para isso acontecer,
tem um cronograma a acompanhar,
e no orçamento nada deixar escapar.

O edital precisa ser estudado,
com atenção redobrada,
ponto a ponto com dedicação,
para entrar na fase de aprovação.

Tema de valor é a inclusão,
que não deve ficar fora não,
sem esquecer da logística,
que merece consideração.

A captação de recurso é a meta,
atrás do fomento tem que estar,
só assim a política cultural,
corre reta como uma seta.

Comunicação e marketing são a chave,
para divulgar o evento,
redes sociais estão a todo vapor,
para solucionar esse entrave.

Na prestação de contas,
Para não existir dificuldade,
A cabeça tem que estar atenta,
Para finalizar com serenidade.

Assim segue a produção,
com muita coragem e visão,
promovendo arte e cultura,
para toda a população.

Quando as cortinas se fecham,
vem a comemoração,
quanta coisa se mistura,
no pulsante coração.

Depois da conta prestada
internamente em um portfólio,
a imagem fica guardada,
sendo motivo de muita emoção.

Para você, meu amigo produtor,
deixo uma dica valiosa,
seja uma pessoa destemida
que sem dúvida serás um vencedor.

Finalizando de uma vez,
a nossa pequena história,
saibam que a cultura é uma semente,
que transforma a vida da gente.





TRA • VES • SIAS •

**E UM MINI-MANUAL
À TERCEIRA MARGEM
DO ANTROPOCENO**

Renata Sembay



A agitação cultural pulsa em minha mente inquieta e questionadora. Conectar-me com criatividade, propósito e comprometimento social foram os caminhos que sempre tentei trilhar.

Assim como o artista não sabe ser outra coisa, algo em minha vontade de autenticidade tentou resistir a empregos de mercado. Também o mercado sulista nunca me quis, nem me entendeu.

Tenho alguns mentores-amigos nesse caminho que exige coragem para ser precursora sem saber ao certo para onde se vai.

Sair do Paraná para parar em Brasília foi cem por cento inusitado. Até achei que era mais uma piada do destino, e que duraria apenas 3 meses. Mas me encantei desde a Vila Planalto, onde fui morar, até o DF e todo o seu entorno de beleza exuberante, raízes secretas e pessoas bem humoradas. Logo apelidei-a de Disneylândia. Aqui se tem lazer cultural todos os dias da semana. Se você tiver algum dinheiro e um carro, o tédio não o alcança. Samba, forró, choro, côco, maracatu, pagode, brega, funk, piseiro, rock doido... Cine Brasília, 5 reais. Rolê sem repetir!

Ser fotógrafa, flagrante-artista da distopia climática, me fez ver de perto artistas consagrados e políticos safados... Eu sentia o meu querer estudar mas também queria algo que fosse “um pouquinho de amor, um descanso na loucura”. Que “ai, se sesse” divertido. O dia a dia do trabalho já consome bastante tempo e resiliência. Entre cursar Cinema, que me custaria mais trabalho e menos paz ao me comprometer financeiramente, uma luz se acendeu com a oportunidade do vestibular da UnDF. Me inscrevi sem muita

pretensão. Já me preparava, muito contrariada, para voltar para o Paraná, foi então que vi meu nome na lista de selecionados.

Quando todas as notificações silenciam é quando eu realmente consigo criar algo que seja genuíno. Me questiono se pedir silêncio é o meu capricho. São 1:55 da manhã. O chá de gengibre acalmou a enxaqueca e me despertou a escrita. Amanhã coordeno atos pelo dia mundial do meio ambiente. Foto-oportunidade. O medo não me corrói mais.

Durante muito tempo quis sair da comunicação. Ela é urgente demais. Irônica e imprevisível demais. Eu sou lenta, como o oceano, profundo. A mensagem tem que mergulhar inteira em mim para eu entrar na corrente e fazê-la bater do outro lado do continente. A efemeridade não me contenta. Entrei na comunicação pela porta da criatividade. Sonhava em criar mundos e animar filmes... Depois fui entender o meu gosto pela direção de arte em clipes musicais feitos sob tentativa, erro, e mais um tanto de sonhos de registrar na cápsula do tempo artistas que modelam a crueza da realidade em beleza de sons, poesias, cores e danças.

Se estamos deixando marcas no tempo geológico da mãe Terra, a minha eu gostaria de fazer com consciência. Há uma justa dosagem entre o primor do belo, a experimentação da forma e o compromisso com o tempo, que inevitavelmente preparamos para os que virão.

Sair da “sevirologia” e tomar assento na Academia é olhar criticamente para o passado e assumir parte de uma escrita de futuros. Onde está localizada a RIDE/DF no Antropoceno?

Assusta-me os futuros não tão distantes. Dizem as modelagens que o El Niño com 9% de umidade para o ar do Centro-Oeste é logo ali, virando a quadra do semestre. Haverá água em todas as cisternas do entorno? As hortas resistirão? As escolas das RAs têm ar condicionado operante? E o fogo? Nossos brigadistas estão sendo remunerados? Ou defender nosso território com a própria vida será ainda na base do voluntariado?

Como operamos no diálogo institucional-cultural com as comunidades? Sabemos quem são e queremos ouvi-las? Como podemos ser simbióticos entre enxergar as necessidades dos territórios, pilares da cultura, reconhecer as identidades múltiplas e co-criar oportunidades que fazem sentido?

A sigla UnDF ainda é quase anônima. Penso que também cabe a nós contribuir para destacá-la com um pincel marca-texto verde-neon, para que cumpra sua vocação de universidade pública, gratuita, de qualidade e sustentada no tripé educação-pesquisa-extensão!

São inúmeras perguntas que emergem. E é um desafio imaginar um compromisso comunitário extra-portões e além-paredes, quando chegar e permanecer nos assentos desta unidade de ensino (Lago Norte) ainda é uma verdadeira “travessia dos Andes” para a maioria dos alunos. Uma montanha de incertezas que subimos agarrados à nossa singela garrafa d’água.

MINI-MANUAL À TERCEIRA MARGEM DO ANTROPOCENO

Identifique a zona de convergência entre cultura e natureza.

Posicione o imaginário criativo em parelramento com a solidariedade radical.

Aprenda com as histórias das civilizações frias e busque novas bases metafóricas.

Desacelere para criar e acelere para validar, implementar e multiplicar.

Regule-se em comunidade. Resiliência se dá no coletivo. No contato.

Vincule-se a um território: escute-o com atenção, conheça-o profundamente.

Os mais velhos têm preciosidade em suas palavras. Dedique algum tempo para absorver.

Converse. Pergunte. Questione. Erga sua voz se for preciso. Encontre quem tenha perguntas semelhantes às suas.

Pesquise. Amplie o leque de soluções já testadas. Mas não se seduza pelo labirinto acadêmico.

Determine a meta: o que ou quem ao ser movido fará tudo ligado a este sistema se mover também?

■ Encontre o alvo. O interlocutor.

■ Busque parceiros. Muitas pessoas têm angústias e sonhos, mas não sabem como organizá-los em uma linguagem artística ou como canalizar ações que gerem mudanças.

■ Não desperdice a energia vital e a inteligência coletiva: um plano deve ter começo, meio e fim.

■ No meio do caminho, repita e varie táticas. Alguns casos pedem consistência durante um período para serem percebidos, entendidos e amplificados.

■ Não meça impacto com números. Eles são consequência de uma honestidade intelectual e de uma assertividade intuitiva.

■ Alguns sacrifícios podem ser decisivos. Escolha bem as batalhas. Não sacrifique saúde física nem mental. Pausas são bem-vindas.

■ Celebre as etapas. Celebre os opostos e os dissidentes.

■ Amar e mudar as coisas ainda interessa mais.

INVENTAR
INVENTAR
INVENTAR
INVENTAR
INVENTAR
INVENTAR

Rhenan Soares



Como algo começa? O mundo, afinal, de onde vem? Do Big Bang ou de Adão e Eva? E um incêndio? De uma fagulha, uma bituca, uma faísca? As ideias, as mais temidas e as mais brilhantes, nascem de onde? Do empenho engenhoso de uma mente que pensa a roda? Ou do infortúnio de uma queda em cambalhota que, por acaso, descamba em roda?

Eis o mistério fascinante dos começos, dos nascimentos, dos inícios. Podem ser grandiosos como os maiores dinossauros ou minúsculos como um chip de nanotecnologia. Podem vir com ata, decreto, solenidade e laço-e-fita para corte inaugural. Ou, ainda, nascerem tortos, atrasados, no susto, sem que ninguém planeje ou perceba.

É possível investigar algumas origens, como a de uma criança fruto de um amor de carnaval, ou a da que nasceu em setembro, quem sabe gerada em plena noite de Ano Novo ou Natal. Mas como surgem as intenções? Os deslumbres? Os desbundes? Os lampejos epifânicos? Os preságios? Os desejos? E os sonhos?

Cá estou em Brasília, a cidade sonhada por Tiradentes, o inconfidente; por José Bonifácio, o patriarca; por Dom Bosco, o santo homem e seus paralelos; por JK, o presidente ambicioso; por Niemeyer, o arquiteto genial; por Lúcio Costa, o urbanista que riscou uma cidade se benzendo com o sinal da cruz, quase uma reza, uma promessa. E sonhada, sobretudo, por um povo imenso vivendo abaixo do equador com seus tantos sotaques e que ocupou o interior da própria pátria para erguer uma nova capital.

DE NOVO, SONHAR.

Da vista da Pedra Fundamental, em minha terra, Plalnaltina, ou do cume do primeiro monte de terra de obra, o que imaginavam que aqui haveria? Sabiam, será, que pessoas como eu comprariam pão francês na 314 Norte e cruzariam, com medo, a passarela subterrânea para cortar o cabelo mais adiante, na 212? Pensariam que a grama do campo da quadra seria cortada por linhas de desejo de quem prefere o atalho às voltas disciplinadas da calçada? Quem foi a primeira pessoa a desbravar, cansada com a mesma astúcia e preguiça de quem inventa a roda, aquele caminho enviesado? Quem inaugurou o primeiro desvio? Quem inventou a primeira pequena desobediência urbana?

A cidade se inventa pelos pés da multidão e vê-se uma feira transitória, e antes dela, mais cedo, uma mesa de quitutes a preços módicos na encosta de uma parada de ônibus pichada em sei lá quantos idiomas. Será que sonharam, também, com o que nos alimentaríamos? Quem sabe um concurso para definir, além das rotas e superquadras, a gastronomia da nova capital? Mineira? Paraense? Carioca? Nordestina? Imaginariam que minha comida típica pudesse ser uma pizza com nome de santo e um prato italiano carro-chefe de um restaurante árabe?

Tudo é delírio. Imagino o sujeito que inventa uma Olimpíada. O homem que cria uma companhia de personagens mágicos e fantásticos liderada por um casal de ratos. Alguém que pensa em um buscador como ferramenta principal da internet. A internet! Esse território onde encontro o que não vivi: a Semana de Arte Moderna, filmes do Cinema Novo, apresentações de uma orquestra do século passado, áudios de uma língua que quase não se fala mais.

O NOVO SONHAR.

E o que era mato vira monumento. História, agora. Persiste e resiste. Como o desejo de sobreviver a uma pandemia, a um golpe, a uma guerra. Quem diabos precisa desejar a morte quando a natureza já nos ameaça? Gente doída é essa. Mas, se é cansativo viver momentos históricos, o que nos cabe depois? Onde estamos na ressaca?

Eu, entro numa universidade pública ainda menina. A UnDF, com seus cerca de cinco anos de existência. Cinco anos, esse tempo, para tanto, que é quase nada. Idade de aprender a amarrar os sapatos, mas também de pular em cada perna, correr ainda mais, adquirir alguma independência da própria higiene, a contar números e histórias, convencer pela fala. Mas tudo com a proteção que se espera.

E ainda nesse início instala-se a primeira greve de professores e estudantes da universidade. Antes, vieram o primeiro sindicato docente, o primeiro Diretório Central Acadêmico, as primeiras assembleias, as primeiras pautas, as primeiras discordâncias públicas sobre o que essa universidade deve ser. Quem pensa uma universidade?

A UnDF não é a primeira universidade pública nascendo aos olhos da cidade. Antes dela, a UnB. E, se Brasília nasceu como cidade sonhada, a UnB nasceu como universidade imaginada para ser outra coisa: nova, experimental, ousada, capaz de reunir ciência, arte, pensamento e país. Pergunto-me como será que era começar uma nova universidade em uma cidade que também acabava de começar. Como era entrar em uma sala de aula quando tudo ao redor ainda parecia canteiro de obra, promessa, fofoca?

Penso em Darcy Ribeiro e Anísio Teixeira. Penso no desejo de inaugurar qualquer coisa. Penso, também, na brutalidade dos sonhos interrompidos. Afinal, aos cinco anos, a UnB mal havia nascido e a ditadura já havia lhe arrancado professores, perseguido estudantes, vigiado seus corredores, impedido qualquer desejo na marra.

Anísio, aliás, já havia sonhado antes uma Universidade do Distrito Federal, a antiga, no Rio de Janeiro, quando o Distrito Federal ainda era outro, diante do mar, aos pés do maior cartão-postal do país, organizado pela imponência da natureza e não pela vontade humana. Aquele sonho também foi interrompido. Talvez alguns sonhos precisem de duas tentativas. Ou três. Algumas. E voltem com outro nome, outro CEP, outras pessoas.

E então, afinal: qual é ou já é? O que será desta universidade? O que se faz com uma instituição pública recém-nascida, cheia de remendos, desejos, disputas, improvisos, ansiedades, esperanças e medo de não dar certo? O que se faz quando não se herda uma tradição consolidada no lugar, mas uma obra aberta, com tinta fresca?

Certo é que alguém precisa escrever a primeira ata. Alguém precisa fazer o primeiro cartaz. Alguém precisa reclamar da primeira ausência de estrutura. Alguém precisa defender a primeira biblioteca, a primeira bolsa, o primeiro laboratório, o primeiro espaço de convivência, o primeiro festival cultural. Alguém precisa transformar o evento impossível em, no mínimo, um livro possível.

Daqui a sessenta anos, talvez um outro alguém abra os arquivos da UnDF ou minere os dados universitários das

décadas passadas. E talvez encontre documentos, fotos, mensagens, atas, comunicados, listas de reivindicações. Talvez ria da nossa angústia. Talvez estranhe nossas urgências. Talvez entenda. Talvez encontre a beleza no que foi feito por quem, sem saber direito, fez parte de um começo.

Começar dá trabalho. Exige imaginação. Exige aceitar que quase nada está pronto e que, talvez, justamente por isso, ainda se pode escolher. Escolher um caminho, uma linguagem, uma forma de convivência, um território, uma cultura.

Penso em tudo isso e lembro de Denise Stoklos, a grande atriz e mímica brasileira que resolveu criar uma nova linguagem, o Teatro Essencial, cujo manifesto de fundação apela, ao narrar a resposta da artista aos ex-alunos que lhe perguntam o que fazer: inventem! É a chance de tudo o que começa.



CARTA DE ALFORRIA

**DA VIVÊNCIA
À CONQUISTA**



Sowandê Kayóde Guimarães

Carta de Alforria

Da Vivência à Conquista

vindo das ruas renegando o passado
deixado a banalidade de lado
mudei meu paradigma
vivência avançada
loucura barulho e cilada
me levaram a precipícios que sei a caminhada
sentido oposto ao que já fui
hoje faço isso fluir
to além do que pretendia ser
mas longe do que almejo me tornar
estudo, trabalho e lar
viraram meu hobbies da pra notar
mudei minha rota
e não me permito errar
sabendo o preço da derrota
só perco se não souber me portar
me reporto ao meus antepassados
me refreio a cada passo dado
lembrando que sem eles nada seria alcançado
obrigado ao que abriram caminhos
hoje traço cada ponto dado
me tornando assim um preto letrado
de escravo a futuro diplomado
a vivência me torna capaz
cada vez mais sagaz
crescer e nessa instituição ser contemplado
um diploma, um título
será que me tornará honrado?!
um mostrado, me deixará menos perturbado?!

seu olhar tem me julgado
eu sigo me inspirando em me tornar notado
pela essência que eu carrego do meu legado
conturbado, diversificado, e apagado
mas com minha vivência tenho rabiscado
quadros, muros e em documentos autenticado

quem diria, a caneta me liberta do estereótipo
quem diria a vivência me tira do olhar dos bico
antes fosse...

me lembro como ontem...

sirene, drogas e bacul
hoje é trampo, marmitta e facul
é o corre, é a melodia do dia a dia
me limito em dizer que o que me instiga
é estar na correria

ninguém me para, ninguém me vê..

espero que continue assim
quando eu sentir que preciso crescer
não me vejam e nem tente me parar
troco e dou o troco pra quem quiser me peitar
quer agir ou vai se resguardar?
espero que a resposta capte no ar
sem me menosprezar e sem sufocar
apenas deixe, deixe o menino jogar...

Pelo presente instrumento de liberdade, reconhecemos que nenhuma corrente
é maior que a força de um propósito. Do cativeiro à consciência,
da dor à dignidade, da sobrevivência à conquista.
Concedo-se a liberdade de ser, de sonhar e de escrever
seu próprio destino.

Liberto por mim. Guiado pelos meus.
Construído para o futuro.

Ass: Um Preto Letrado

De: Favela
Para: O Mundo
Data: Sempre 97

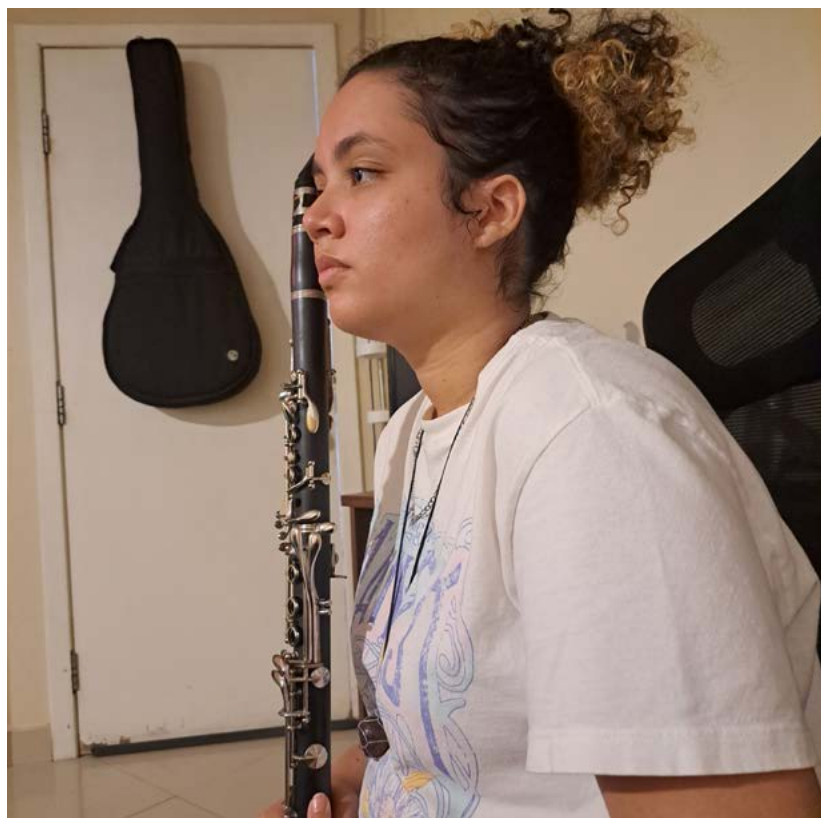
UMA CLARINETA

Thamie Barroso ●

Eu sou uma clarineta. Estou repousando sobre a cama da minha nobre clarinetista, que está aos prantos por não conseguir tocar um dó 5. Entristeço-me por sua dor e frustração, mais ainda porque sua jornada pode estar sendo decidida nesse momento. Eu sei que ela já tocou até mesmo o mi 5 e sei que ela é capaz de progredir. Mas, seu medo de enfrentar a frustração de tocar e errar a faz até mesmo gritar em seu eu interno. No entanto, o que posso fazer sozinha, para ajudar minha doce clarinetista, se tudo que eu sou e penso está dentro dela mesma? Aqui, sou mais uma com o ventilador, os cadernos bagunçados e as cortinas da janela entreaberta. Será que aquela pequena artista, que me fita com os olhos vermelhos, poderá acreditar em nossa jornada, para nos juntarmos às belezas do caminho, sem autojulgamentos? Só o tempo dirá: quando aqueles pulmões se inflarem novamente, espero que seja para se juntar a mim, e não para soluçar mais uma lembrança inglória. Como eu queria que ela percebesse que seu esforço constante é mais importante que seu pico de energia extenuante. Queria que ela soubesse que sem ela nada sou e, sem mim, pouco ela é. Independentemente de qualquer coisa, sei que as belas canções que poderíamos ter visitado acabaram quando ela, relapsa, deixou escapar um ruído entre aquele dó 5. Vejo minhas partes sendo desmontadas. É o fim para mim, por hoje. Espero apenas que ela lembre de mim amanhã.



Filha do meu sopro, perdoa-me se me falta o ar. Perdoa-me se me falta o tempo. Perdoa-me o tempo. Se é que esse existe. Ahhh e o tempo me rasga todos os dias e me explode todas as noites. Quando te olho, te escolho e toco-te e quando toco-te, gemes. Por quê? Acho que meu sopro não é suficiente. Há de haver treino, esforço e garra. Filha do meu sopro, me agarra. Dessa vez, não me deixe.



Eu gosto de nos imaginar num auditório. Milhares de pessoas me ouvindo. Milhares de pessoas ouvindo nosso som. Mas, sabe o que mais queria? Queria que um vizinho ouvisse-nos tocando e pegasse seu trompete e tocasse no mesmo tom. Em seguida, que um flautista arrependido se arrependesse do seu arrependimento e comprasse uma flauta. Sabe mais o que eu queria? Queria que muitos instrumentos ganhassem vida como eu. E se nós que vivemos do sopro fôssemos cada vez mais... Cada vez menos desistiriam os clarinetistas. E não morreríamos em caixas empoeiradas. Vamos, meus amigos, peguem seus trombones, suas trompas, seus oboés! Toquem as almas de quem ainda precisa do sopro. Para quem falta o ar. Para quem falta a vida.



**PRODUÇÃO
CULTURAL
COMO
RESISTÊNCIA,
SONHO E
CONSTRUÇÃO
COLETIVA**

Vitor Henrique Gomes •

Quando penso sobre minha trajetória dentro da produção cultural, percebo que ela começou muito antes da universidade. Muito antes de entrar na UnDF, eu já sentia vontade de movimentar a cena cultural ao meu redor. Desde 2014, comecei a organizar pequenos eventos voltados para bandas locais, principalmente dentro da cena do rock independente, em Samambaia, no Distrito Federal. Na época, talvez eu ainda não entendesse completamente o significado da produção cultural, mas já existia em mim a vontade de criar espaços, unir pessoas e transformar ideias em acontecimentos reais.

A música sempre esteve muito presente na minha vida. Além de produtor de eventos, também sou músico e vocalista desde 2014. Essas duas experiências caminham juntas dentro da minha trajetória. Participar de bandas, subir em palcos e organizar shows foram experiências que me fizeram perceber algo muito importante: a cultura tem força para conectar pessoas, criar memórias e dar voz para quem muitas vezes não encontra oportunidade de ser ouvido.

Os eventos que organizei ao longo desses anos representam muito mais do que simples apresentações musicais. O “Night of Rock”, que foi feito na garagem da casa de um amigo, por exemplo, teve sua primeira edição em 2014, em Samambaia, reunindo bandas locais e marcando também a primeira apresentação da minha própria banda. Depois, veio a segunda edição em 2015, e a terceira em 2016, e nossa trajetória foi sendo feita por outros ainda, como o “Ensaio Aberto Experimental”, em 2019, e, mais recentemente, o “Disarm Fest”, realizado em 2025, comemorando os 10 anos da banda. Cada um desses eventos carrega histórias, dificuldades, aprendizados e, principalmente, a sensação de ver um sonho acontecendo diante dos meus olhos.

O que mais me inspira dentro da cultura é justamente esse processo de construção. Existe algo muito forte em imaginar um evento, planejar cada detalhe, enfrentar os problemas que aparecem no caminho, para, finalmente, ver tudo acontecendo. Ver o palco montado, as bandas tocando, o público presente e toda a energia do evento acontecendo é algo que me motiva profundamente. A produção cultural, para mim, é algo como transformar ideias em experiências reais.

Entrar na Universidade do Distrito Federal foi um momento extremamente importante na minha vida. Honestamente, eu nunca imaginei que um dia estudaria em uma universidade pública. Estar na UnDF significa muito mais do que apenas cursar uma graduação. Significa ocupar um espaço que antes parecia distante da minha realidade. Significa crescer pessoalmente, adquirir conhecimento e entender melhor a importância da cultura dentro da sociedade.

O curso de Produção Cultural apareceu como uma oportunidade de aprofundar algo que eu já vivia na prática há muitos anos. Antes da universidade, muito do que eu fazia vinha da experiência, da tentativa e erro, da vontade de fazer acontecer mesmo sem estrutura. Na UnDF, comecei a enxergar a produção cultural de maneira mais ampla, compreendendo políticas públicas, organização de projetos, acesso à cultura, produção artística e o papel social que a cultura possui dentro das comunidades.

Estudar produção cultural no Distrito Federal também possui um significado muito forte. Brasília muitas vezes é lembrada apenas pela política e pelos grandes monumentos, mas existe uma cena cultural extremamente rica espalhada pelas regiões administrativas. Lugares como Samambaia possuem artistas, músicos e produtores independentes que movimentam a cultura diariamente, muitas

vezes sem apoio ou visibilidade suficiente. Fazer parte disso me faz perceber que a cultura periférica possui potência, criatividade e identidade própria.

Ao longo da minha caminhada, percebi que produzir cultura também é um ato de resistência. Organizar eventos independentes nem sempre é fácil. Existem dificuldades financeiras, falta de incentivo, ausência de estrutura e muitas barreiras para artistas independentes. Mesmo assim, continuar realizando eventos e fortalecendo bandas locais se tornou parte daquilo que acredito. Muitas vezes, um pequeno espaço aberto para uma banda independente pode representar uma oportunidade enorme para artistas que só precisam de palco, visibilidade e reconhecimento.

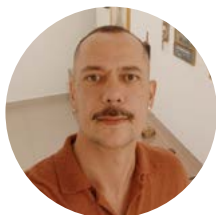
Meu maior sonho dentro da produção cultural é me tornar um agente cultural e conseguir aprovar um projeto no FAC, o Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal. Quero utilizar esse incentivo para criar eventos maiores, mais estruturados e acessíveis, fortalecendo ainda mais a cena cultural independente. Mais do que realizar eventos, quero criar oportunidades para outras pessoas, principalmente artistas locais que enfrentam dificuldades para mostrar seus trabalhos.

Quando penso no meu futuro profissional, me imagino trabalhando na produção de grandes eventos, vivendo da cultura e contribuindo para o crescimento artístico da cidade. Quero continuar dando voz para bandas locais, ajudando novos artistas e mostrando que a cultura produzida nas periferias do Distrito Federal possui qualidade, força e importância.

A universidade, a música e a produção cultural acabaram se tornando partes fundamentais da minha identidade. Hoje entendo que tudo aquilo que comecei em 2014 não era apenas um hobby ou diversão. Era o início de uma

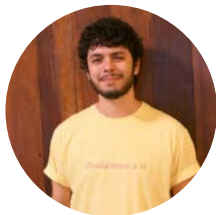
trajetória construída através da arte, da persistência e da vontade de transformar sonhos em realidade. Talvez a produção cultural seja exatamente isso: acreditar que ideias podem sair do papel, ocupar espaços e transformar vidas.

● MINI-BIOS ●



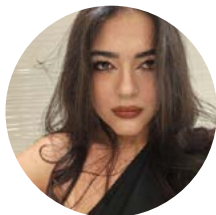
Leonardo Motta Tavares

Artista visual, escritor e professor da Universidade do Distrito Federal. Nascido em São Gabriel/RS, vive em Brasília. Doutor em Artes Visuais pelo Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da Universidade de Brasília – PPGAV/UNB. Pesquisa as relações entre arte e literatura. Participou de exposições coletivas e individuais. É representado pela Galeria Referência e também atua como curador. Publicou os livros *Os doentes em torno da Caixa de Mesmer* (Modelo de Nuvem, 2014, vencedor do Prêmio Contista Estreante, da FestiPOA Literária), *Ruibarbo do deserto* (Patuá, 2019), *O Congresso da Melancolia* (Urutau, 2021, finalista dos prêmios Minuano e AGES), *Situações* (LTG Press, 2023) e *Pinturas Ruins* (tan editorial, 2025).



André Pena

Natural do Rio de Janeiro, André Pena é formado e trabalha na área de TI, com foco em Análise de Dados. Sua jornada acadêmica se inicia com ensino técnico de Informática para Internet (PRONATEC, 2015). Posteriormente, cursou Graduação em Análise e Desenvolvimento de Sistemas (Faculdade SENAC DF, 2017) e, por último, Pós-Graduação em Governança e Gestão em TI (ICESP, 2019). Atualmente cursa Graduação em Produção Cultural na UnDF. Seu interesse por arte e cultura se inicia ainda na infância, com suas composições musicais, histórias e ilustrações. Antes de tudo, se considera um entusiasta da vida. Olá, este sou eu!



Anna Beatriz Machado - b.i.a

Formada em moda pelo Instituto Federal de Brasília-IFB, estudante de Produção Cultural na Universidade do Distrito Federal-UNDF e artista desde sempre. Arte é o ar que ela utiliza para respirar, sua força vital e o que molda sua existência. Possui um estilo dramático que

dança entre os sentimentos e suas representações. Seu trabalho de conclusão de curso aborda a influência da indústria na autoestima e desenvolvimento de transtornos alimentares. Ao longo desse percurso, ela já realizou projetos de muralismo, pinturas, esculturas, editoriais, desfiles, peças autorais, projetos de audiovisual, revistas, edição gráfica, entre tantas outras coisas. Seu maior objetivo é sempre se desafiar, reinventar e se redescobrir.



Bárbara Barbosa

Mulher negra, Autista, TDAH, AHSD, Ativista por direitos humanos, Mãe Atípica, Especialista em Acessibilidade Cultural, Audiodescritora, Intérprete de Libras, Traduatriz, Atriz, Cantora e Pioneira da Acessibilidade Cultural

no Distrito Federal e Entorno desde 2006. Foi Gerente de Inclusão e Acessibilidade da SECEC no mandato 2015-19, quando implantou e deu início à Política Pública de Acessibilidade Cultural do Distrito Federal a partir dos editais FAC e LIC.



Cleyton Soares Tolentino

Artista, rapper compositor, produtor cultural e estrategista audiovisual. Com mais de 10 anos de trajetória na cena artística e cultural, Cleyton Tolentino construiu, sob o nome artístico Sula Rap, uma caminhada marcada

pela autenticidade, disciplina, visão de futuro e compromisso com a transformação social através da arte. Como artista, Sula Rap utiliza a música como ferramenta de expressão, conscientização e inspiração, levando sua vivência e sua mensagem para diferentes públicos. Como produtor e empreendedor cultural, atua na construção de projetos, campanhas, eventos e produções audiovisuais que fortalecem marcas, artistas e iniciativas sociais.



Dandih Orin

Multiartista, nasceu em 1997, Formada em História na Universidade de Brasília, é cria do Gama (DF). Transitando entre múltiplas artes, como a pintura, poesia, design digital e música, em sua trajetória busca destacar a estética visual e rítmica afro-brasileira e afrofuturista,

e expressar questões sociais como o combate ao racismo, lgbtfobia e luta antimanicomial.



Tamires Fauxtino

Produtora cultural, poetisa, mestre de cerimônias e estudante de Produção Cultural na Universidade do Distrito Federal, a UnDF. Mulher preta, lésbica, periférica e multiartista, construiu sua trajetória a partir da arte, da comunicação,

da poesia e do trabalho coletivo, atuando na organização de eventos, coletivos, festivais, saraus, bailes e mediações culturais, além de produção executiva, recepção de público, comunicação digital, design gráfico e audiovisual. Desde a juventude, desenvolve atividades ligadas à dança, ao teatro, à literatura e à cultura comunitária. Sua produção artística tem como marca a valorização das vivências periféricas, das identidades negras, pessoas LGBTQIAPN+ e das narrativas que atravessam questões de pertencimento, memória, território e transformação social. Por meio da poesia e da palavra falada, busca criar pontes entre arte, reflexão e afeto, ocupando palcos, eventos e espaços de formação com sensibilidade, presença e compromisso cultural.



Fláésio Pereira da Silva Júnior

A trajetória de Fláésio transita entre a arte-educação, a pesquisa e as religiosidades. Com atuação na docência e na produção cultural, dedica seu trabalho às relações étnico-raciais, aos direitos humanos, à sustentabilidade e à saúde, compreendendo o corpo como território de memória, criação e encontro. É confirmado Pai das Folhas no candomblé de tradição jeje-nagô. Enquanto liderança religiosa mobiliza saberes ancestrais, cuidado e produção de conhecimento desenvolvendo iniciativas culturais e acadêmicas voltadas à valorização das memórias coletivas, das expressões culturais brasileiras e dos modos de vida tradicionais. Entre brincadeiras, arte e macumba, segue a caminhada com os pés fincados na terra, cultivando práticas comprometidas com o bem viver e com a continuidade dos saberes que atravessam gerações.



Gabriela Vigeta

Natural do Rio de Janeiro, Gabriela Vigeta é estudante de Produção Cultural na Universidade do Distrito Federal (UnDF). Seu interesse pela arte e pela cultura surgiu ainda na infância, influenciada pelo avô, pintor e dançarino, e pelo pai, cantor e integrante da banda Tinta Preta, que a levava para acompanhar ensaios, apresentações e outras atividades musicais. Esse contato precoce com o universo artístico despertou sua curiosidade e sensibilidade para as diversas formas de expressão cultural. Durante a infância, participou de coletivos de dança e chegou a competir em eventos da modalidade, experiências que contribuíram para fortalecer sua relação com as artes e o trabalho criativo. Atualmente, busca ampliar sua formação acadêmica e profissional por meio dos estudos em Produção Cultural, com interesse voltado à produção musical e ao desenvolvimento de projetos culturais relacionados à música.



Helen Nunes

Nascida e criada em Sobradinho, Distrito Federal, é DJ, Bartender, Barista, técnica em eventos e estudante de Produção Cultural. Agora, em colaboração com seu professor e colegas de turma, se aventura no mundo da escrita para a contribuição de material informativo.



Isabel Pacífico

Nasceu em 1996, em São Sebastião (DF), onde construiu sua relação com a cultura por meio de experiências em espaços culturais e iniciativas da cidade. Graduada em Letras – Português pela UnB e estudante de Produção Cultural na UnDF, é uma pessoa comunicativa, curiosa e apaixonada por música, literatura e fotografia. Seu interesse está nas histórias, memórias e expressões culturais que fortalecem os vínculos entre pessoas e territórios.



João Manuel Ribeiro Coelho

Nasceu em Portugal, licenciou-se em Sociologia e Antropologia na Universidade Lausanne (Suíça), Mestrado em Antropologia pela Universidade de Lyon (França), formando em Produção Cultural na Universidade do Distrito Federal, onde mora desde 2008. Fundador/Presidente da Associação Amigos da Praça Portugal em Brasília, atua como produtor cultural desde 2020, tendo organizado três edições da Comemoração do Dia Mundial da Língua Portuguesa na Praça Portugal em Brasília.



Juan Quarti

é artista circense, arte-educador e produtor cultural argentino radicado no Brasil. Cofundador da companhia Cosmonautas Mágicos, desenvolve uma pesquisa artística que atravessa o circo, o teatro físico, a palhaçaria e a arte de rua, criando experiências marcadas pelo humor, pela poesia e pela presença. Sua trajetória foi construída em movimento, entre viagens, apresentações e encontros com diferentes culturas latino-americanas. Essa vivência alimenta uma prática artística baseada na escuta, no improviso e na potência transformadora do encontro humano. Graduando em Produção Cultural pela Universidade do Distrito Federal (UnDF), também desenvolve estudos relacionados ao circo social e às interfaces entre arte, educação e comunidade. Em suas criações, busca construir espaços de imaginação, diálogo e pertencimento, onde a arte se torna ferramenta de expressão, convivência e descoberta.



Júlio Mota

Graduado em Administração de Empresas, atualmente finalizando a pós-graduação em Gestão Pública pela Universidade Federal de Lavras, na modalidade a distância, e estudante do curso de Produção Cultural na Universidade do Distrito Federal.



Maritza Andréa Lucena de Barrón

Mãe de três filhos e avó de duas netas. Sua vida sempre foi dedicada à área da educação, pois ela a considera um processo de formação e transformação capaz de desenvolver conhecimentos, valores e senso crítico, preparando os estudantes para a vida em sociedade e para o exercício da cidadania. Apesar de todas as dificuldades enfrentadas ao longo de sua trajetória, sempre acreditou no poder transformador da educação e na importância desse processo para a construção de uma sociedade mais justa e consciente.



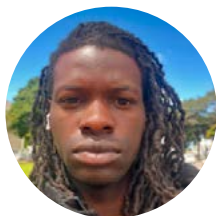
Renata Sembay

Designer e ativista. Atua como coordenadora de mobilização e eventos em projetos socioambientais e climáticos, alinhando comunicação, arte e participação popular. Atualmente dedica-se à criação e gestão de projetos colaborativos focados na proteção socioambiental e na mobilização de territórios e comunidades.



Rhenan Soares

Jornalista, diretor artístico e produtor cultural. Estudante de Produção Cultural da UnDF, pesquisa e atua nas relações entre arte, memória, identidade nacional e políticas culturais. Em diferentes linguagens e formatos, dedica sua trajetória e seu trabalho à valorização da arte e da cultura brasileira. Como Nélida Piñon, acredita que “se Machado de Assis existiu, o Brasil é possível”.



Sowandê Kayóde

é modelo, musicista, escritor e estudante de Produção Cultural na UnDF, fluente em inglês e espanhol. Possui experiência em eventos, e no ramo artístico. Nascido em berço de pais militantes, seu contato com a música foi iniciado em terreiros. Quando novo, era comum

a presença de amigos da família para conversarem sobre questões raciais, política e música, o que gerou identificação e consciência. Posteriormente, adentrou no ramo da moda, onde realizou desfiles, desde os 16 anos. Além disso, atuou no ramo de propagandas comerciais, tendo sua imagem veiculada em TV aberta e em outros canais privados, dentro e fora do DF. Narra sua vivência por meio da poesia, bem como da cultura Hip Hop e do samba. Atualmente, tem como objetivo se graduar no ramo de produção cultural, com foco em atuação no Distrito Federal e Entorno.



Thamie Barroso

Nascida em 2001 na cidade de Brasília, Thamie Barroso é escritora desde os 13 anos de idade, se é que já não se nasce autor. Desde muito nova, a pequena escritora se interessava pela arte, buscando, em suas oportunidades escolares, desenvolver seus talentos e proeminências. Gostava de desenhar e aprender coisas novas com sua mãe, que muito a encaminhou para o mundo artístico, por ser professora de artes no ensino básico brasileiro. Quando, na escola regular, pôde ter contato com a música, se apegou à sua clarineta, com quem dividiu os sonhos e com quem, hoje, divide os fins de tarde. Era muito jovem quando a literatura a tocou, quase tão suave quanto a chuva na varanda... E assim como, dessa chuva, não se sabe o que esperar... ventania, trovoadas ou a brisa serena, dessa escrita brincante, só se tem uma certeza: depois que tudo acabar, a grama estará mais verde e os campos repletos de flores e poesia.



Fernanda Batista

Formada em Letras-Inglês pela UnB e estudante de Produção Cultural na UnDF. Tanto na literatura quanto nas artes visuais, o que a fascina é o poder do signo. Acredita na palavra e na imagem como formas de nomear o que escapa e de dar corpo ao invisível. Seu interesse não é só pela obra, mas pelo fazer artístico e por quem faz. Tem a arte como acesso a camadas escondidas da experiência humana, um espaço de encontro entre o artista e o público. Fernanda investiga o que há de estranho e precioso nas pequenas singularidades e convida o público a refletir sobre memória, identidade, afeto e as contradições que nos tornam humanos.



Vitor Henrique Fernandes Gomes

Tem 30 anos, é vocalista de uma banda de hardcore, produz eventos de bandas locais e trabalho como assistente de cinegrafista há mais de 10 anos. Atualmente é estudante de Produção Cultural na UnDF.



UnDF

UNIVERSIDADE DO DISTRITO FEDERAL
PROFESSOR JOSE MARCOS MATHIAS